

# REIS, FERNANDES & BAPTISTA

SUCESSORA DE OSWALD HOFFMANN

(A mais antiga casa comercial da Colónia de Moçambique)

ENDEREÇO TELEG.: - REFEBA

CAIXA POSTAL N.º 5

QUELIMANE

COMÉRCIO GERAL

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES—VENDAS POR GROSSO E A RETALHO  
MERCEARIA, VINHOS, FERRAGENS, LOUÇAS, FAZENDAS, PAPELARIA,  
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, QUINQUILHARIAS, ETC.

Proprietários do Pavilhão Refeba — Agentes de diversas marcas de  
automóveis, motos, pneus e acessórios, dos afamados vinhos do Porto  
"Ramos Pinto" e dos vinhos espumantes naturais de Lamego (caves  
da Raposeira) "Vale, Filho & Genros, Ltd.", da Fábrica de Cerveja  
Nacional de Lourenço Marques e do conhecido "Sabão Jaspe".

SEDE EM LISBOA — CALÇADA DO CORREIO VELHO, 3

END. TELEGRÁFICO: REFERTISTA—TELEFONE: 21965

## ULTRAMARINA

COMPANHIA DE SEGUROS  
FUNDADA EM 1901

Sede no seu prédio da

Rua da Prata, 108  
LISBOA

Efectua seguros:

- Contra incêndio
- De desastres no trabalho
- De automóveis (todos os riscos)
- Marítimos
- Agrícolas
- Postais
- De cristais contra quebra

CAPITAL E RESERVAS

Esc. 5.034.108\$95

Telefone D. B. X. 23348

PORTUGAL COLONIAL

A MARCA DA

COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDIÇÃO

S. A. R. L.

SEGUE EM TODOS  
OS SEUS PRODUTOS:



OFICINAS

METALUR-

GICAS

FERRO FUNDIDO

FERRO MALEÁVEL

ALUMÍNIO FUNDIDO

MÁQUINAS INDUSTRIAIS  
MÁQUINAS AGRÍCOLAS  
MATERIAL AGRÍCOLA  
MATERIAL INDUSTRIAL  
UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS  
ACESSÓRIOS PARA TUBA-  
GEM  
TESOURAS DE PODA  
RADIADORES, ETC.

ENXADAS GENTÍLICAS E UTENSÍLIOS PARA A AGRICULTURA COLONIAL

PEÇAM CATÁLOGOS

R. SÃO JOÃO, 19

PORTO—PORTUGAL



## "Portugal Colonial," SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

**N**O INTUITO DE SERVIR OS SEUS LEITORES DAS COLÓNIAS, A ADMINISTRAÇÃO DA "PORTUGAL COLONIAL," ACABA DE ORGANIZAR UM SERVIÇO DE INFORMAÇÕES QUE DORAVANTE FICA À SUA DISPOSIÇÃO.

**N**ÃO COMPRE POR CATÁLOGOS. O VENDEDOR SÓ TEM UM INTERESSE — *VENDER* — EMBORA NEM SEMPRE O QUE MAIS CONVÉM AO CLIENTE. DIGA-NOS O QUE DESEJA E INFORMÁ-LO-EMOS CRITERIOSAMENTE.

**T**ODA A GENTE QUE VIVE NO ULTRAMAR TEM UMA COMPRA, UMA VENDA OU QUALQUER OUTRA TRANSAÇÃO OU DILIGÊNCIA A REALIZAR EM LISBOA. UTILIZE O NOSSO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES E FICARÁ SATISFEITO.

**N**ÃO INCOMODE OS SEUS AMIGOS DA METRÓPOLE COM PEDIDOS QUE NÓS PODEREMOS SATISFAZER MELHOR DO QUE ÊLES. O NOSSO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES ESCOLHERÁ A SEU CONTENTO O QUE DESEJA.

**S**E QUERE SABER PREÇOS E QUALIDADES DO QUE SE VENDE OU SE COMPRA EM LISBOA, SE QUERE ORÇAMENTOS OU ESTIMATIVAS, ESCRIVA-NOS. O NOSSO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES ESTÁ APTO A RESPONDER-LHE.

**T**UDO O QUE EXIJA CRITÉRIO NA ESCOLHA — MAQUINISMOS, FERRAMENTAL, PRODUTOS, MATÉRIAS PRIMAS, ETC. — O NOSSO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES PODERÁ ESCOLHER EM SEU LUGAR. DIGA-NOS COM PRECISÃO O QUE DESEJA.

**S**E PRETENDE VENDER, PODEREMOS AUXILIÁ-LO NA VENDA. TALVEZ ENCONTREMOS O COMPRADOR QUE LHE CONVÉM, POIS TRABALHAREMOS PARA O CONSEGUIR. DIRIJA-SE AO NOSSO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES.

**P**ARA A EXPANSÃO DA "PORTUGAL COLONIAL," O NOSSO INTERESSE É SERVIR COM METICULOSIDADE E ISEMPÇÃO OS SEUS LEITORES. O NOSSO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES QUERE SER O SEU AGENTE DE CONFIANÇA.

**T**ODOS OS PEDIDOS DE INFORMAÇÕES SOBRE A PRAÇA DE LISBOA DEVEM VIR ACOMPANHADOS DA IMPORTÂNCIA DE ESC. 6500 OU SEU EQUIVALENTE EM MOEDA LOCAL, PARA DESPESAS DE EXPEDIENTE, E SER DIRIGIDOS À ADMINISTRAÇÃO DA REVISTA "PORTUGAL COLONIAL," — RUA DA CONCEIÇÃO, 35, 1.º, LISBOA — TELEFONE 2 4253 — TELEGRAMAS "MINERVA,".





# Portugal Colonial

REVISTA DE PROPAGANDA E EXPANSÃO COLONIAL

<p>DIRECTOR <b>HENRIQUE GALVÃO</b></p> <p>SECRETÁRIO DA REDACÇÃO <b>F. ALVES DE AZEVEDO</b></p> <p>ADMINISTRADOR E EDITOR <b>ANTÓNIO P. MURALHA</b></p>	<p>SEDE <b>RUA DA CONCEIÇÃO, 35, 1.º</b> <i>End. Telegráfico: MINERVA</i> <i>Telefone 24253</i></p> <p>PROPRIEDADE DA EMPRESA <b>PORTUGAL COLONIAL</b></p> <hr/> <p><b>NÚMERO 58</b></p>	<p>PREÇO AVULSO</p> <p>Metrópole..... 3\$00 Colónias..... 4\$00 (ASSINATURAS)</p> <p>Metrópole (6 meses)... 18\$00 Colónias (6 meses)... 24\$00</p> <hr/> <p>COMPOSTO E IMPRESSO OTTOSGRAFICA LIMITADA Conde Barão, 50 — LISBOA</p>
---	--	---

## SUMÁRIO

Os EXCESSOS DEMOGRÁFICOS.....	<i>Henrique Galvão</i>
A OBRA COLONIAL PORTUGUESA .....	<i>Nunes dos Santos</i>
O TRABALHO INDÍGENA NAS COLÓNIAS PORTUGUESAS .....	<i>Alves de Azevedo</i>
A REORGANIZAÇÃO DO MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS	***
PÁGINA LITERÁRIA—«PORTUGAL, A NOSSA TERRA	<i>Dr. António Montez</i>
DA IMPRENSA COLONIAL TRANSCREVE-SE.....	<i>A. da Silva Pinto e Julien Gits</i>
NO ESTRANJEIRO .....	***
CRÓNICA DO MÊS.....	<i>H. G.</i>
NOTAS DO MÊS.....	***
LIVROS E PUBLICAÇÕES.....	***
INFORMAÇÕES, ETC.....	***
ESTATÍSTICA .....	***





# Os excessos demográficos

## ARGUMENTO DE GUERRA

POR HENRIQUE GALVÃO

**A** Itália como outros países da Europa—como tóda a Europa afinal—sofre de excesso de população. Esgotada a capacidade de ocupação de emigrantes nos países americanos fechou-se a válvula de escape que protegia a Europa dos males duma plétora demográfica para que sempre mais ou menos tendeu. Ao continente económico euro-americano, usado e gasto, julga-se—e com boas razões, embora as verdadeiras razões não sejam alegadas—que sucederá um continente euro-africano, que por mais um ou dois séculos albergará os europeus que não cabem na Europa.

No enalço desta idéa clamam os países que mais sofrem da moléstia demográfica—e que não têm colónias ou julgam insuficientes as que têm: Precisamos mais territórios para collocarmos o excesso de população que nos asfixia.

O argumento, como se sabe—pode conduzir até à guerra.

Mas será o argumento verdadeiro? Terá a consistência que se lhe atribue?

Quer-nos parecer que não. O argumento é, possivelmente, uma boa arma política, um bom *trunfo* a jogar nas discussões de chancelarias—mas não tem valor, nem perante as validades duma ocupação económica em África, nem perante o mecanismo que rege estas causas do povoamento europeu nas colónias.

Pomos de parte as questões de direito, de moral, de justiça, que se levantam, por assim dizer, automaticamente, quando um povo forte, em nome das suas necessidades, pretende atentar contra a liberdade, a independência ou a soberania dum povo mais fraco. De resto estas questões mobilizam volumes de palavras que as validades do tempo presente demons-

tram que são cada vez mais inúteis—sobretudo quando no fundo das questões há poços de petróleo e jazigos de ouro fino.

Encaramos apenas a questão no seu aspecto puramente técnico pois êle basta para provar a insubsistência dum argumento que tem sido pôsto nos últimos anos em defesa dum direito que vale tanto como êle.

Em primeiro lugar preguntamos, localizando a questão, no território abexim por ser o que oferece de momento maior oportunidade e um interêsse mais flagrante: Que porção da sua população poderia a Itália collocar na Etiópia, nestes anos mais próximos? 50.000 homens? O número é, evidentemente exagerado.

As grandes correntes de colonos só se formam e se fixam em paralelismo com grandes correntes de capitais. Dispõe a Itália dos capitais necessários para criar na sua colonização na Etiópia um ritmo, ou antes, um caudal que seria o mais intenso da colonização moderna? Julgamos que não. Nem a sua situação económica, nem as suas dificuldades financeiras no-lo permitem acreditar.

Não basta querer collocar um certo número de colonos—mesmo quando o *querer* é veemente e impulsivo como o da Itália moderna: é necessário também que essa boa vontade seja auxiliada por condições *sine qua non* que pertencem muito mais ao ambiente do que à energia dos homens.

Quer fomentando a colonização livre por meio da instalação de capitais numerosos e maleáveis, que adoptando o processo desacreditado da colonização sistemática, a Itália conseguiria um triunfo verdadeiramente notável fixando na Etiópia 50.000 dos seus habitantes.

Mas que seria isso como solução para o



seu problema de excesso demográfico? Muito pouco, quasi nada.

Temos por consequência à vista a primeira fragilidade do argumento: Na melhor das hipóteses—e dizemos melhor porque seria excepcional a instalação de 50.000 colonos—os resultados práticos para o ponto de vista da expansão demográfica, seriam irrisórios.

Mas há mais a considerar.

A colonização, num país de clima irreverente como o da Abissínia, mesmo nas zonas mais salúbres de actividade é uma colonização de fazendeiros, capatazes: mestres de obras, emfim, de pessoal dirigente da actividade do único trabalhador da terra possível: o indígena.

Dado não só o valor numérico da população nativa, como também a sua adopção ao clima—os brancos na Abissínia, durante

muitos anos ainda não poderiam pensar senão em prover quadros.

E perante esta realidade a que cifra se vão reduzir os 50.000 italianos que sonham com o futuro e a prosperidade nas terras cálidas do Negus?

Por consequência, nem como remédio para o seu excesso de população, nem como emprêgo para habitantes que são na maioria trabalhadores directos da terra, operários e gente sem profissão definida, o argumento usado hoje pela Itália, ontem pela Alemanha e, de-certo, amanhã por outro povo cubitoso de outra Abissínia, tem qualquer valor, uma vez deslocado do seu ambiente político para uma discussão travada perante realidades coloniais.

Quanto ouro, quanto petróleo, se disfarça com estas razões—de quem não tem razão.

---

# A obra colonial portuguesa

## METODOS

—  
POR NUNES DOS SANTOS

*Aluno da E. S. C.*

**Q**UALQUER que tenha sido a causa geradora do movimento expansionista de Portugal, o certo é que o nosso povo não era positivamente, já nesses tempos remotos, aquilo a que se pode chamar um principiante.

O contínuo batalhar dos primeiros passos da nacionalidade, a azáfama constante da ocupação do solo metropolitano arrancado aos infiéis, e a solidariedade que daí resultou para a família portuguesa, tinham-lhe criado um estôfo especial, excepcionalmente propício à efectivação de uma obra que, mais tarde ou mais cedo, tinha de iniciar-se. O contacto havido, desde sempre, entre os cidadãos da nova pátria e as gentes do norte de África, produziu, como era natural, os seus efeitos

salutares, criando na mentalidade nascente um conjunto de ideias e de princípios que, alguns anos depois, iriam contribuir para a revelação enérgica da raça, num campo em que só muito mais tarde os outros povos ousaram lançar-se. Foi mesmo esse contacto, junto à relativa proximidade dos territórios inimigos, que determinou a primeira directriz da campanha, levando a Ceuta as naus e hostes de Portugal. A expansão aparece, pois, como um natural prolongamento das lutas metropolitanas, guiada, como já dissemos, mais pelo móbil religioso e por um formoso ideal longínquo, do que por qualquer sentimento de lucro imediato.

Entretanto, não se deve supor que a homogeneidade rácica do inimigo próximo te-



na originado uma completa uniformização de processos, tão errónea como prejudicial. De facto, examinando atentamente os braços do enorme polvo que o Infante sonhou estender sobre a Terra, fácil é verificar que nem todos têm a mesma estrutura, que as suas direcções são por vezes antagónicas, que, enfim, do mesmo núcleo central derivaram plasmados diversos, adaptados ao meio. Na verdade, a colonização portuguesa possui, desde os primeiros passos, a maleabilidade indispensável à consecução dos seus fins, soube actuar a tempo e por forma que as relações entre as diferentes raças não constituíssem novos obstáculos ao avanço progressivo da civilização.

É assim podemos, com relativa facilidade, citar quatro nomes que identificam perfeitamente os métodos adoptados: Marrocos, Moçambique e Índia.

## I—*Marrocos*

O norte de África que, no dizer do sr. Coronel Ribeiro Vilas, *era uma escola de guerra muito variada, onde se formavam todos os nossos notáveis capitães*, oferece-nos um aspecto interessantíssimo da colonização portuguesa, quando ela estava ainda na sua fase inicial.

Em boa verdade, as condições especiais do meio em que íamos actuar, não nos permitiram o estabelecimento, por assim dizer normal, da soberania portuguesa. O carácter do povo marroquino, a sua acentuada tendência bélica (ainda há bem poucos anos afirmada nas lutas com a Espanha), e a natureza hostil dos factores político e religioso, levaram-nos a exercer a nossa influência através das fortificações, onde a população se concentrava, assim protegida das arremetidas dos autoctones. É certo que dentro dessas praças, a acção civilizadora dos portugueses não deixou de patentear-se, quer pela construção de edifícios, cisternas e outros meios adequados aos melhoramentos das condições locais, quer ainda pelas tentativas realizadas no sentido de promover o estabelecimento de relações comerciais com os povos que habitavam, em redor das muralhas, as terras dos mouros de paz. Mas, a seqüência normal da obra tinha de ser fatalmente interrompida, de quando em vez, por correrias feitas no interior.

A colonização de Marrocos aparece-nos, pois, com um carácter essencialmente militar. Foi ali que, levada pelo espírito da aventura, a mocidade portuguesa do século XV grangeou as esporas de ouro, ao mesmo tempo que, iniciando o caminho do aperfeiçoamento de povos estranhos, foi adquirindo ideias nítidas sobre o fenómeno colonial, em tudo o que êle tem de mais delicado e perigoso.

Durante 354 anos (1415-1769) flutuou sobre os territórios marroquinos a bandeira de Portugal. E se êsse período não foi suficiente para dotar os nativos com um grau elevado de civilização, a influência portuguesa ficou bem radicada na vida local, objectivada ainda hoje no respeito que os aborígenes guardam pela memória dos primeiros conquistadores.

É possível que, a continuar a nossa colonização no norte de África, ali tivéssemos estabelecido um formoso império, verdadeiro prolongamento da conquista do Algarve. A

---

## MOÇAMBIQUE



Grupo de mulheres indígenas



pequena distância entre a Metrópole e êsses territórios, a acção civilizadora do contágio social que por essa mesma razão se iria exercer e ótimo grau de assimilação científica da mentalidade árabe-berbere, eram factores de garantia bastante de considerar, meios seguros de dirigir por bom caminho a corrente das novas idéas. É certo que o antagonismo do factor religioso continuaria a estabelecer uma barreira de difícil transposição; entretanto, a colonização portuguesa mostrou, alguns anos depois, que sabia lidar com os adeptos dos mais variados credos, a todos contentando e a todos impondo com marcada superioridade, a esmerada cultura do seu espírito e a maleabilidade inteligente da sua política indígena.

## II — *Madeira*

Poucos anos decorridos sôbre a tomada de Ceuta, já os portugueses lançavam mais um fundamento do glorioso edifício colonial, iniciando e efectuando, com celeridade quasi inacreditável, o aproveitamento da Madeira.

Não se tratava, aqui, de dominar populações hostis ou de aperfeiçoar núcleos humanos em primivo estágio social. A ausência absoluta de aborígenes e as especiais condições climáticas do novo arquipélago, iam assim servir de pedra de toque das nossas possibilidades expansionistas, mostrando ao mundo que os dominadores militares de Marrocos sabiam e queriam também realizar aquilo a que a moderna ciência chamou «*povoamento*».

Os elementos fornecidos por fontes bastante autorizadas, oferecem-nos conclusões interessantíssimas acêrca do que foram os nossos primeiros passos no caminho da ocupação.

Parece que a descoberta da Ilha do Pôrto Santo teve lugar em 1418, sendo ainda ponto de discussão o nome do português que pela primeira vez pisou a nova Terra.

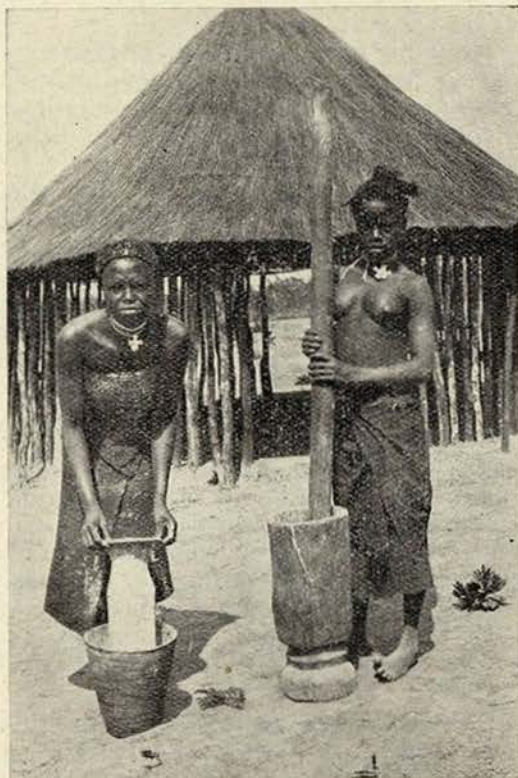
Sabe-se, entretanto, que em 1420 o Infante armou três navios, cujos comandos foram dados a João Gonçalves Zarco, Bartolomeu Perestrelo e Tristão Vaz, navios que indo «*mui bem apercebidos de todas as sementes e plantas e outras cousas, como quem esperava povoar e assentar em Terra*», conduziam a seu bordo gente e material para iniciar a colonização da ilha. E a crónica acrescenta que Perestrelo levava na sua barca, entre outros animais, uma coelha prenhe, que pelo caminho teve o seu bom sucesso «*do que todos houveram muito prazer... e chegados à ilha, solta a coelha com seu fruto, em breve tempo multiplicaram em tanta maneira, que não semeavam ou plantavam cousa, que logo não fosse roida*».

Do simples apontamento destes factos históricos resulta, sem qualquer sombra de dúvida, a convicção de que na mente do Infante havia já nascido a semente prodigiosa que ao futuro legaria a ciência da colonização.

Distinguindo perfeitamente os métodos a empregar, a gente do alvorecer do século XV soube encarar com nitidez duas modalidades bem distintas da grande obra: a praça forte com tôdas as suas características militares, e a colónia de povoamento, onde a lança dava

---

## ANGOLA



Fabricantes de farinha mandioca (Lunda)



lugar à alfaia agrícola, ao trabalho pacífico e produtivo dos braços importados. Bem depressa a vinha e a cana sacarina vieram trazer à economia da nova conquista o socêgo e o bem estar que, alguns séculos depois, iriam fazer dela um belo rincão metropolitano.

De resto, o carácter inicial da colonização madeirense reflete, com singular expressão, a doutrina assimiladora. Logo nos primeiros tempos da sua vida, o pequeno arquipélago contribuiu para o engrandecimento da Pátria comum, concorrendo com a Metrópole no fornecimento de gente para as novas emprêsas: Marrocos primeiro e, mais tarde o Brasil, não rejeitaram o tributo pago pelo solo da Madeira.

E para evidenciar a rapidez com que agimos logo no início da grande obra, bastará dizer que em 1440 já ali existiam 6 freguesias e que 10 anos depois, o Funchal foi elevado a vila.

Isto é: pouco mais de 25 anos foram necessários para que os portugueses instituissem em territórios desertos a mecânica administrativa e religiosa da terra natal.

### III — *Moçambique*

Tal como o viajante maravilhado que, dobrado o Cabo da Boa Esperança e transporta em radiosa manhã de Agosto a pequena ilha da Inhaca, se extasia perante o ninho acariciador que é Lourenço Marques, assim nós, neste curto devaneio pelas páginas da História, vamos encontrar em Moçambique uma orientação bem diversa da que, nos primeiros tempos, foi norma dos colonizadores portugueses.

À medida que avançamos no exame do passado, mais patente vai ficando a nossos olhos a maleabilidade inteligente da administração portuguesa, sempre adaptada ao meio social, político e económico das novas terras, sempre pretendendo impor-se aos nativos pela superioridade manifesta de uma sábia tolerância.

Como era natural, o primeiro contacto havido entre nós e os povos de Moçambique teve lugar no litoral, por via das tripulações comandadas por Vasco da Gama. Que nem sempre o iniciar das negociações foi pacífico, dá-lo a História e acreditamo-lo nós, porquanto, não é de estranhar que gentes de tão diversas proveniências, tendo mais a mais de

permeio o incitamento egoísta dos árabes, se sentissem mal face a face, como se de momento compreendessem a luta de interesses que, muitos anos depois, faria ainda espalhar por sobre o solo requemado dos sertões, o sangue das hostes de Portugal.

Senhores em absoluto da sociologia colonial da época, logo os portugueses perceberam que a melhor tática seria a de procurar realizar uma ocupação pacífica, sem ostensivos intuítos de soberania, escondendo pelas mais diversas formas o verdadeiro fim em vista. É certo que o nosso desejo não constituía intenção crimínosa; mas estava-se então no início de uma obra que, ainda hoje, encontra em certos sectores da opinião pública um núcleo de derrotistas, de indivíduos que em nome de supostos princípios sociais e humanitários, proclamam falsamente o dever de abandonar os atrasados... Não admira, portanto, que os africanos do século XV, vendo entrar nos cursos dos seus rios o grupo estranho de poderosas caravelas, se arrecessem do futuro e procurassem repelir o jugo—aliás redentor—que os brancos queriam oferecer-lhes.

Estava porém iniciada a nova etapa e recuar significaria desistir. Restava portanto procurar a directriz que melhor poderia servir os interesses em jôgo e não foi difícil encontrá-la: o comércio.

Após a fixação na costa, pelo estabelecimento de pontos mais ou menos fortificados, segundo o costume da época, logo os portugueses se lançaram na penetração do interior, utilizando para isso dois dos mais importantes elementos de que ainda hoje dispõe a ciência colonial: o negociante e o missionário.

Foi assim que, vencendo uns, morrendo outros, se atingiu bem cedo o coração da Zambézia, sem dúvida o sector da colónia em que a nossa influência mais se radicou. E o indígena, passados os primeiros momentos de hesitação, compreendeu, enfim, que os árabes não eram mais generosos, que o seu saber em nada excedia a superior inteligência dos nossos dominadores, que, sobretudo, apezar-da diferença de cor, os portugueses sabiam tratar de igual para igual os seus irmãos de pátria.

É evidente que nem só de bom critério usaram aqueles a quem fôra confiada a tarefa zambeziana; mas, as deficiências de uns foram sobejamente compensadas pela inexcedível elevação de outros e, ainda hoje, pas-



sados já bastantes séculos, a forma geográfica da colónia reflete com singular elequência o que foi a nossa acção nessas paragens do sertão africano.

Não se julgue porém que, para conseguir o fim em vista, nos cingimos apenas à acção comercial e missionária. Muito pelo contrário, não hesitámos em praticar a assimilação, no que ela tem de mais íntimo, na sua forma mais notória e evolutiva: o cruzamento. A confirmar esse facto indiscutível, ali vivem ainda hoje centenas de naturais cujos nomes correspondem, mais ou menos perfeitamente, aos dos generais, capitães-mores, negociantes e outros que em tempos remotos habitaram a Zambézia.

## IV — Índia

O vasto manancial histórico que é o actual Estado da Índia, daria, por si só, não um artigo mas um tratado, ou antes uma série de tratados versando a evolução dos diversos ramos e sistemas de Administração que ali fixámos. Não cabe tal desenvolvimento adentro do campo restrito de que dispomos, nem essa tarefa corresponderia aos modestos desígnios que nos levaram a escrever.

Limitar-nos-emos portanto a focar o pensamento do homem que, vivendo no século XVI, soube compreender, a tão grande distância, os princípios transcendentales e complexos da ciência colonial. Afonso de Albuquerque não foi somente o grande administrador da Índia; na sua obra não devemos ver apenas a efectivação de um pensamento superior, de uma clarividência pasmosa. Ele foi antes, ousamos afirmá-lo, o verdadeiro precursor de tudo quanto se tem feito e há-de fazer nos territórios de além-mar.

Contraopondo-se à política de D. Francisco de Almeida, para o qual o domínio militar da costa bastaria, Albuquerque lançou os fundamentos da moderna sociedade indiana, tão portuguesa, tão adaptada ao nosso modo de ser. Já nesses recuados tempos da História se praticou, consciente e desassombradamente, o critério assimilador.

E agora, que a evolução mental e a preparação intelectual nos permitiu abordar cientificamente os múltiplos aspectos do problema colonial, verificamos que, se a assimilação pura e simples nem sempre se apresenta como

o mais profícuo meio de civilizar, pela inevitável dificuldade em remodelar de súbito o espírito atrasado dos incultos, ela é no entanto uma aspiração constante e teimosa, o sistema que melhor se coaduna com a própria essência da obra civilizadora.

Ora é justamente a extrema transcendência ainda hoje atribuída à aplicação do critério assimilador, que valoriza a obra de Albuquerque. O que para nós é difícil, para ele, governador do século XVI, iniciador dos fundamentos da nova colónia, seria difficilíssimo.

E entretanto, a sociedade indiana atesta a cada passo a proficuidade dos esforços dispendidos em tão aleventada senda, gritando bem alto à posteridade que o Portugal de outrora soube captar e harmonizar as simpatias e bemquerenças de quantos com ele se encontraram.

Lutas? Quem as não tem? Será porventura de estranhar que o contacto inicial de civilizados e incultos revestisse um carácter agressivo?

À História, a grande mestra da vida dos povos, vamos buscar a resposta adequada ao caso, a ela recorreremos para nos justificarmos; ela nos dá enfim, a noção exacta do que foi, no galgar dos séculos, a obra colonial portuguesa.

E para terminar estas brevíssimas referências aos nossos métodos, citaremos ainda o Brasil, não porque a acção de Portugal ali tenha sido fundamentalmente diferente dos sistemas já apontados, mas apenas porque, falando daquela nação sul-americana, lembramos a prova mais evidente, mais completa e mais gritante, da competência colonial da lusa gente.

É possível—disso estamos certos—que muitos brasileiros da geração actual pretendam negar o valor da influência portuguesa, quer no passado quer no presente. Mas, o que é indiscutível é que, sem o trabalho ali realizado, com amor, carinho e acendrado desejo de progredir, pelos portugueses de outrora, jamais o povo de Santa Cruz teria conseguido elevar-se, tão rápida e inteiramente, ao nível em que hoje se encontra.

---

### “O Império Português,”

Com a magnífica apresentação habitual publicou o jornal “O Império Português,” mais um número especial dedicado aos Açores.



# O trabalho indígena nas colónias portuguesas

POR ALVES DE AZEVEDO

**N**UMA entrevista recente concedida pelo Sr. Ministro das Colónias ao «Temps» e que o «African World» resumiu na devida oportunidade afirmou o titular dessa pasta que: «sob a designação de contrato jamais se dissimulou qualquer forma de escravatura».

Achamos indispensável insistir ainda sobre este ponto. Definiu Sua Ex.<sup>a</sup> com excelente critério a posição portuguesa, criada pelo código do trabalho de 1928, a qual dá aos indígenas plena liberdade de escolha do seu trabalho.

O recrutamento a que procede a autoridade defende o indígena de qualquer solicitação menos honesta. É-lhe ainda assegurada a protecção das autoridades no que se refere aos salários, aos transportes, à alimentação, ao alojamento, vestuário, assistência médica e indemnização em caso de acidente. Não citamos as outras regalias de somenos importância que lhe são concedidas pelo código, mas desejamos salientar *que qualquer que seja o pretexto jamais a administração consentirá a prestação de trabalho forçado às empresas particulares.*

\* \* \*

Reintegradas na Nação, as colónias portuguesas readquiriram pelo Acto Colonial e pela Carta Orgânica do Império Colonial, o papel histórico que sempre tiveram.

Estes documentos notáveis são conforme o afirmam o Anuário de Documentação colonial comparada de 1935 (publicação do Instituto Colonial Internacional de Bruxelas) de uma importância capital. A nossa atenção deverá voltar-se porém especialmente para a matéria dos artigos 231.º e seguintes da Carta Orgânica, relativos aos indígenas, ao respeito pelos seus costumes e à liberdade de trabalho, legislação esta que consoante a opinião da revista francesa «Études», é modelar e ao

mesmo tempo liberal e adaptada à situação material e moral dos nativos.

Parece-nos, portanto, interessante resumir a doutrina do Acto Colonial—fonte dos preceitos que mereceram tão lisonjeiro acolhimento da imprensa internacional—no que se refere à protecção e à defesa dos indígenas, conforme os princípios da humanidade, os direitos de soberania e as estipulações dos tratados internacionais que rejam ou venham a reger esta matéria.

Ao Estado incumbe a fundação de instituições públicas e o encorajamento a dar às instituições particulares a favor dos indígenas; a protecção da propriedade e da posse dos seus terrenos e culturas; a garantia de remuneração do trabalho fornecido ao Estado e aos Corpos Administrativos. «O regime do contrato do trabalho dos indígenas é baseado sobre a liberdade individual e sobre o direito ao justo salário e à assistência» (art.º 21.º).

Sòmente em consequência de penas judiciais ou para efectivação de obrigações fiscaes o Estado pode obrigar o indígena ao trabalho.

\* \* \*

Os usos e costumes dos povos indígenas que não se oponham à moral e aos princípios da humanidade são respeitados e regulados por meio de estatutos jurídicos especiais, elaborados de acôrdo com o direito público e privado português.

As missões religiosas como instrumentos de civilização e influência nacional contribuem para elevar a mentalidade dos nativos e fazê-los compreender todos os benefícios da legislação portuguesa no que se refere a trabalho indígena. É esta a razão por que o Acto Colonial no seu art.º 24.º consigna expressamente a sua utilidade e lhe confere a necessária assistência.

\* \* \*

A acção colonial portuguesa distingue-se



das dos outros povos colonizadores pela circunstância de sempre termos pretendido fazer das colónias outros tantos países idênticos à Metrópole. Jamais aceitámos a metáfora de Turgot de «que as colónias são como os frutos, que, logo que amadurecem se desprendem da árvore que os sustenta».

A política colonial que adoptámos procura integrar progressivamente as populações nativas na civilização da Metrópole de forma a elevar-lhes o seu estatuto vital.

O testemunho de observadores imparciais ilustra duma maneira categórica estas afirmações. Em 1931 um agregado da Universidade francesa Jacques Wenlertse, no seu livro «Noirs et Blancs» relatava uma viagem em território português nos seguintes termos:

«Nada aqui nos lembra as cidades do Congo, da Nigéria ou da África francesa; sente-se a ocupação real, definitiva do país por emigrados brancos.

Não é a colonização pelo dinheiro como no Império vizinho, mas a colonização pelo trabalho...

Os europeus, não se limitam a constituir uma casta de administradores, de engenheiros ou contramestres; tomam a sua parte nos trabalhos manuais; e só isto é o bastante para mudar o «ambiente».

**As relações de raça para raça são profundamente diversas. O branco não é mais o ser de eleição, o patrão que não trabalha e faz trabalhar, e o preto deixa de ser o eterno inferior, a besta universal em suma».**

A clareza deste depoimento diz suficientemente da sua honestidade, e consagra, sem dúvida, definitivamente os nossos excelentes métodos de colonização.

\* \* \*

Haverá sempre, sem dúvida, quem critique. Nada é perfeito, e mesmo que a obra colonial portuguesa não tivesse absolutamente nada que se lhe dizer sempre haveria quem malsínasse as melhores intenções, e quem considerasse o que há já feito como obra incipiente que é necessário fazer de novo.

É indispensável, porém, afirmar desde já, que esses criadores de desordem, de inação e de impotência jamais conseguirão escurecer tudo quanto temos feito pelo indígena das colónias portuguesas e acima de tudo a admirável obra realizado a favor do seu estatuto de trabalho.

PORTUGAL COLONIAL

## Cruzeiro aéreo às Colónias

À hora a que escrevemos está em viagem o I Cruzeiro aéreo às Colónias.

Sobre o valor e a importância desta iniciativa, que só tem de lamentável, o facto de não se ter realizado há mais tempo, disse a imprensa diária de todo o país as palavras mais adequadas e mais justas.

Reservando para o final do cruzeiro—e em face de elementos definitivos de realização—as largas referências que merece, desejamos desde já exprimir os melhores votos de êxito para esta viagem, confiados que ela constituirá um grande triunfo para a aviação militar portuguesa.

---

## MOÇAMBIQUE



Chefe Angoni

---

### Album Fotográfico da I Exposição Colonial Portuguesa

Pela Litografia Nacional, do Porto, foi publicado o Album Fotográfico da I Exposição Colonial Portuguesa. É uma edição magnífica contendo cem preciosas fotografias de Alvão e que recomendamos a todos os coloniais.



# A reorganização do Ministério das Colónias

## UMA ENTREVISTA DO SR. DR. JOSÉ BOSSA

“O sr. Ministro das Colónias deu ao “Diário de Notícias”, uma entrevista sobre a reorganização do Ministério das Colónias que não podemos deixar de arquivar nestas colunas pela importância que as suas declarações revestem.”

O sr. dr. José Bossa, actual ministro das Colónias, sentiu desde o momento em que tomou posse da sua pasta a necessidade de reformar o seu Ministério.

Colonial distinto, com larga experiência, estudou cuidadosamente o assunto e fez o projecto de decreto que deve ser publicado por estes dias.

Impunha-se ao “Diário de Notícias”, ouvir aquele ilustre homem público sobre tão importante reforma e por isso o procurámos.

Acolhidos com a maior gentileza, imediatamente perguntámos a que critério obedeceu a reorganização: O sr. dr. José Bossa responde:

—Depois da reorganização administrativa, que com tanta eficiência se fez nas nossas Colónias, pelo Acto Colonial, pela Carta Orgânica e pela Reforma Administrativa, era uma necessidade, manifesta, aliás reconhecida há bastantes anos, a reforma do Ministério das Colónias.

—Já em 1929 se tentou fazê-la, não é verdade?

—Sim senhor. No relatório que vai preceder o decreto de reorganização faz-se um esboço da nossa administração central ultramarina, pelo qual se mostra que a tendência mais vincada nela tem sido a de se atender fundamentalmente à distribuição de serviços por um critério técnico. A êsse critério obedeceram todas as reformas decretadas na segunda metade do século passado, e que foram muitas, subseritas por nomes como Latino Coelho, Rebêlo da Silva e Tomaz Ribeiro, vindo até às reformas de 1911, 1918 e 1919. Nos primeiros tempos da República, quando o Ministério das Colónias se separou do da Marinha, criou-se no País uma corrente doutrinária a favor da reorganização segundo um critério geográfico, sendo até essa doutrina ensinada nas Universidades, no curso de Administração Colonial, pelos professores drs. Marnoco e Sousa e José Tavares, como o mais lógico e eficiente.

—A reforma de 1920 obedece a êsse critério...

—Essa reforma estabelece um sistema misto, visto a Direcção Geral dos Serviços Centrais ter os seus serviços distribuídos por Repartições especializadas, existindo por outro lado duas Direcções Gerais, de feição geográfica, uma para as Colónias do Ocidente e outra para as Colónias do Oriente.

—Essa reforma de 1920 é a que tem vigorado até agora?

—É, mas através destes quinze anos tem sofrido alterações profundas, chegando-se a ponto de terem sido suprimidas as funções do director geral dos Serviços Centrais. Substituindo embora as Repartições, suprimiram-se serviços e criaram-se outros. Pode dizer-se que desta organização subsistem fundamentalmente as Direcções Ge-

rais do Ocidente e do Oriente, de competência lata e indefinida, pelas quais são canalizados todos os assuntos de qualquer natureza, salvo os atribuídos expressamente às Repartições Técnicas.

—E êsse critério geográfico tem dado bons resultados?

—Os mais deficientes, complicando de uma forma desnecessária o expediente. Quere um exemplo? Um officio ou proposta de um Governo Colonial para chegar às mãos do ministro passa, em regra, por três mãos intermediárias. Primeiro vai à Repartição Central, para distribuição e registo; transita depois para a Direcção Geral do Ocidente ou do Oriente, que por sua vez o envia para a Repartição Técnica, que a devolve informada à procedência, para, por fim, o director geral a levar a despacho do ministro. Toda esta complicação burocrática cria demoras prejudiciais e afastam o ministro da repartição técnica que informou o assunto.

—Quere dizer, a necessidade da reorganização é evidente?

—Pelas deficiências apontadas e não se coadunando o retalhamento geográfico com o espírito de unidade que preside à nossa actual legislação ultramarina, é claro que se impõe a reorganização, porque correndo actualmente os processos sobre o mesmo assunto por Direcções Gerais diferentes, tornavam-se possíveis decisões diversas sobre assuntos da mesma natureza. A um Império uno e solidário tem de corresponder um órgão central de Governo que tenha coesão, e isso só se obtém com a organização especializada dos serviços, porque esta aumenta em ritmo, largueza e intensidade o poder de quem manda no centro desse fecho de serviços.

—Então o Ministério sofre profundas modificações?

—Abandonando o sistema geografico, o Ministério vai ser organizado com um critério totalmente diferente, obedecendo ao critério técnico.

—Pode V. Ex.<sup>a</sup> dar-me quaisquer elementos que elucidem a opinião pública?

—Perfeitamente. Basta descrever a maneira como são distribuídos os serviços: além do Gabinete do Ministro e da Secretaria Geral, à frente da qual ficará um dos Directores Gerais, o Ministério divide-se nas quatro seguintes Direcções Gerais: Administração Política e Civil; Fomento Colonial; Fazenda das Colónias e Militar; a Secretaria Geral, além dos serviços gerais que lhe competem, terá um serviço de documentação colonial onde se reunirão todos os elementos de informação e estudo que possam esclarecer ou documentar qualquer problema colonial, sendo evidente a importância e utilidade que êste serviço assumirá em breves anos.

—É fácil de compreender o que em breves anos êsse serviço representará como elemento de estudo qualquer assunto de interesse ultramarino...

—Deixe-me acrescentar que nesse serviço se concentra também a Biblioteca do Ministério, Biblioteca especializada e todo o Arquivo de documentos e processos que não estejam ainda em condições de ser enviados para o Arquivo Histórico Colonial.



—E como é constituída a Direcção Geral de Administração Política e Civil?

—Por quatro Repartições: a de Pessoal Civil e Colonial, que trata de tudo o que respeite ao estatuto do pessoal civil; a de Saúde e Higiene que superintende nos serviços sanitários das colónias; a de Justiça, Instrução e Missões que fará o estudo relativo a estes três importantes ramos de serviços, para o que farão parte do seu pessoal um juiz, um professor e um missionário; e a dos Negócios Políticos e de Administração Civil com secções especializadas para os assuntos respeitantes à política indígena e aos serviços de administração geral entre os quais se compreendem os problemas relacionados com a colonização portuguesa das nossas colónias. Política indígena e colonização nacional—dois polos à volta dos quais gravita toda a política colonial moderna.

—É a Direcção Geral de Fomento Colonial?

—É composta pela Repartição dos Serviços Geográficos, Geológicos e Cadastrais que constituirá a secretaria de um organismo correspondente à actual Comissão de Cartografia e que será chefiada por um engenheiro de minas, incumbindo-lhe entre outros o serviço de concessão de terras e de minas, o qual assumiu especial importância em virtude das disposições do Acto Colonial; pela Repartição dos Serviços Económicos que tratará de assuntos relativos ao desenvolvimento da agricultura, comércio e indústria, para o que entre o seu pessoal contará um agrónomo e um veterinário, sendo o chefe especializado em assuntos económicos; pela Repartição de Obras Públicas, Portos e Viação, com dois engenheiros civis a quem compete entre outros assuntos, dirigir a política económica e tarifária dos transportes e pela Repartição dos Correios e Telégrafos e Electricidade que pelo seu nome se define. A Direcção Geral da Fazenda das Colónias, tem a Repartição dos Serviços de Fazenda e de Alfândega a quem competem os assuntos de finanças e orçamento e a Repartição de Contabilidade das Colónias que tratará das despesas e contas. A Direcção Geral Militar tem duas repartições militares: uma secção de marinha e outra de saúde militar.

—E ao lado dessas Direcções Gerais haverá ainda outros serviços?

—Há os serviços de inspecção civil de fomento e de fazenda. A primeira além dos serviços de inspecção de administração civil fica-lhe competindo a importante missão de fiscalizar tudo o que respeite ao trabalho e emigração dos indígenas. Essas atribuições já competiam pela lei actual às autoridades locais, mas criando um organismo de fiscalização superior às influências do meio o Governo manifesta com isto mais uma vez o seu grande interesse pelo bem estar e protecção das populações nativas, e fá-lo no momento oportuno em que é necessário mostrar quanta insenção e humanitarismo há na base de toda a nossa política colonial.

Pela descrição que lhe fiz dos serviços, mostra-se o valor dos elementos técnicos com que o Ministério vai ser dotado.

—É tudo?

—Não senhor. Há mais:

Junto do Ministério funcionarão órgãos com funções deliberativas, consultivas ou de simples informação técnica uns permanentes e outros temporários. O mais importante d'elles é o Conselho do Império Colonial cujas bases orgánicas foram aprovadas pela lei n.º 1.913 e que entrará agora em funcionamento. O Conselho divide-se em secções, reunindo elementos especializados em cada um dos ramos de administração pública e fica sendo um órgão de consulta de primeira importância.

Existirão ainda os conselhos de disciplina, um militar

e outro civil, o Conselho Técnico de Fomento Colonial, que substituirá o actual Conselho de Obras Públicas e Minas e outros organismos. Como órgãos temporários de consulta contam-se a Conferência dos Governos e a Conferência Económica do Império.

—E a acção do Ministério comportará ainda outros organismos?

—Os seguintes, todos dependentes do Ministério das Colónias: Agência Geral das Colónias, Arquivo Histórico Colonial, Instituto de Medicina Tropical, Hospital Colonial, Depósito Militar Colonial, Jardim Colonial, Museu Agrícola Colonial e Instituto Ultramarino. Este último deve brevemente ser reorganizado dando-se o maior desenvolvimento à sua acção de assistência em favor dos colonos e funcionários coloniais. Ainda sob o patrocínio do Ministério das Colónias se projecta oportunamente a criação do Instituto de Colonização e o Museu das Descobertas e conquistas.

—Para a eficiência de uma organização desta natureza torna-se necessário aumentar o pessoal, não é verdade?

—Dada a multiplicidade dos serviços logicamente se compreende que houve necessidade do seu aumento, o que efectivamente se conseguiu sem deixar de considerar as nossas possibilidades financeiras. Aumenta sensivelmente o pessoal, enquadrando-se com elementos técnicos que presentemente não existiam e melhorando-se o sistema do seu recrutamento.

—Então os alunos diplomados pela Escola Superior Colonial vão ver satisfeita a sua velha aspiração?

—É verdade. Para ser admitido no quadro administrativo fica sendo condição o Curso Colonial e para o quadro de fazenda o do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras.

—Pela nova reorganização as atribuições dos directores gerais são aumentadas?

—Os directores gerais ficam superintendendo em todo o ramo de serviços da sua especialidade, visto que a hierarquia funcional da sua direcção se estende a todo o ultramar. Enquanto que até agora e no passado, as direcções gerais, formadas em grande parte por funcionários que fizeram toda a sua carreira no Terreiro do Paço, faziam uma administração teórica, que se exercia sobre montanhas de papelada, de futuro as direcções gerais ficarão sendo a cabeça de grandes hierarquias que estenderão toda a sua actividade por todo o território do Império. Assim, temos serviços de Administração Civil, Fazenda, Fomento e Militar que hierarquicamente estarão encadeados desde o mais longinquo ponto das colónias até à capital do Império, tendo como pontos nucleares em cada uma das colónias o governadores e no cimo o ministro. As direcções gerais ficam sendo responsáveis pela execução de todos os serviços da sua especialidade, com competência para resolver todos aqueles que não dependam da decisão do ministro e que estão fixados taxativamente na lei.

—Quere dizer, o ministro já fica com o seu tempo mais livre para tratar dos assuntos mais importantes do seu ministério?

—Sem dúvida. Dêste modo descentralizam-se funções de pequena importância prevista na lei, que até agora tomavam desnecessariamente o tempo que o ministro, com mais vantagem para o interesse público, deve dedicar ao estudo dos altos problemas coloniais.

Notando que o sr. ministro das Colónias nos dispensara já largo tempo, com prejuizo dos seus afazeres, agradecemos-lhe a sua extrema gentileza e os interessantísimos elementos que nos forneceu para esclarecermos a opinião pública, deixando-o continuar o seu despacho.





# Página literária

**H**Á dias, re-mechendo em livros que há muito não via, encontrei, impresso em cores garridas, um folheto de propaganda das linhas da C. P., onde li as seguintes palavras:— «Viajar nas linhas da C. P. é conhecer Portugal. E ninguém pode amar a sua terra sem primeiro a conhecer».

Viajar é aprender. Viajar é distrair.

Passam à porta desta arejada escola, as linhas férreas de Portugal. E se nós, aproveitando um dia em que não haja instrução, fôssemos dar um passeio por essas terras fora?

É bom conhecermos os assuntos da nossa profissão, mas é ótimo conhecermos êsses e mais outros, que aperfeiçoem os nossos conhecimentos gerais!

Da viagem que vamos fazer, ficar-vos-á sempre a recordação dum dia bem passado, no mais alto miradouro de Portugal, olhando

## PORTUGAL A NOSSA TERRA

*Por amável cedência do sr. António Montez, o artista portuguêsissimo a quem se devem as grandes iniciativas das Caldas da Rainha, entre as quais figura a da inauguração do magnífico monumento à Rainha D. Leonor, publicamos a sua palestra realizada na Escola Profissional da Divisão de Via e Obras no Entroncamento, sobre «Portugal, a nossa Terra».*

*Para aqueles que vivem longe da Metrópole, neste mês de recordações e de festas familiares, parece-nos deverem ser páginas saborosas e que os nossos leitores de além-mar apreciarão na justa medida da elegância, beleza e patriotismo que o autor lhes emprestou.*

aquilo que é nosso!

Antes da hora da partida, vamos já a gozar panoramas, a disfrutar paisagens riquíssimas, a contemplar maravilhas, a adivinhar outras que nem sonhá-vamos existissem!

E, quando partimos, a alegria invade-nos, ao pensar que vamos ver terras desconhecidas, a-pezar-de serem nossas, muito nossas...

Ouvm-se ao longe as guitarras de Portugal, embalam-nos as can-

ções dos nossos mareantes, desperta-nos o rufar dos tambores e o ruído lento das nossas caravelas!

Em cortejo triunfal, surgem-nos pelotões de cavaleiros da época das conquistas, lança em riste em defesa da nossa terra; ranchos de marinheiros álvios e fortes, como na época das descobertas; grupos de colonizadores quasi exgotados do trabalho árduo da selva africana, e na cauda dêsse cortejo brilhante e patriótico, a obra gigantesca dos



missionários, repassada de actos heróicos, até há pouco desconhecidos...

No céu, entre nuvens, acompanhando êsse cortejo, aparece-nos milagrosamente a Cruz de Cristo, símbolo de fé da gente portuguesa, essa cruz bendita com que rasgámos os mares, dilatámos o Império e mostrámos ao Mundo, galharda e heróicamente, o valor da gente portuguesa!

Mas... o combóio não espera. Convidovos a acompanharem-me.

Vamos ver Portugal, a nossa terra, rincão fecundo, «jardim da Europa à beira-mar plantado».

Deixemos o Entroncamento, e com aquele passe que vos fornecem quinzenalmente, vamos ver o país onde nascemos, canteiro viçoso, celeiro, horta e pomar, terra forte que o Sol doura e o Oceano beija!

Vamos até à Serra da Estrêla, o ponto mais alto de Portugal. Disfruta-se dali, pode dizer-se, tôda a terra de Santa Maria:

Ao longe, o Minho, jardim delicioso onde as cepas estendem os braços pelos cunhais das nioradias solarengas.

Não têm conto as belezas desta região encantada, alegre como nenhuma outra, atravessada por rios lindíssimos como o Minho, o Lima e o Cávado.

Que profusão de côres em tôda a província, onde o vêrde domina!

Lá está Viana do Castelo, à beira-mar, com os trajes pintalgados das moçoilas miúdas. Ouvem-se aqui os sinos de Braga e Barcelos, cidades devotas onde não falta que ver e parece distinguirem-se as muralhas do Castelo de Guimarães, cidade berço da nossa nacionalidade!

Olhem os fragedos da Serra do Gerez e mais ao lado, as tôrres do Sameiro, S. Torquato e S. Bento da Porta Aberta, romarias sem par, onde os Zés Pereiras ribonibam entre foguetório e vinho verde. Lá vai a procissão, cruz alçada, pendões ao vento, andores engalanados, o pálio levando debaixo o cura da aldeia, anjinhos inocentes...

É o Minho, sempre em festa, onde a beleza se confunde com a graça!

À direita Trás-os-Montes, montanhoso, de paisagem agreste. Lá vai o Douro ao lado da província, como que a dividi-la das Beiras.

Vila Rial alegre, tem por vizinhas as estâncias termiais de Vidago e Pedras Salgadas. Bragança, fica lá no alto quási arrumada à Espanha. Mais abaixo Mirandela com os seus

pomares afamados e mais para a direita, em grupo, os pauliteiros de Miranda com as suas capas de honra, e pelas aldeias, velhinhas a fiar na roca, rostos batidos pela invernia.

O Douro lá vai, atravessando vinhas sem fim, que se empoleiram caprichosas pelo arvoredo; vai desejoso de encontrar o Oceano. Mas antes disso, atravessa duas pontes monumentais e passa pelo Pôrto, terra de trabalho, com costumes pitorescos e monumentos curiosos. Há vinho por tôda a parte, vinho que Portugal exporta para todo o mundo, em troca de ouro!

Tôda a província do Douro vive junto ao mar. Lá estão as praias encantadoras de Espinho, Granja e Miramar; lá se avistam as tradicionais feiras de Matozinhos e Senhor da Pedra, que atraem meio mundo!

Olhem Aveiro com a sua ria de maravilha, o cantar dolente das tricanas, os deliciosos ovos moles e o túmulo de Santa Joana, uma verdadeira preciosidade que o museu local guarda religiosamente. Por tôda parte montes de sal, fábricas de cerâmica, barcos moliceiros e não muito longe, um dos mais belos castelos de Portugal:—o de Vila da Feira, na linha do Vale do Vouga, onde os panoramas são dos mais belos.

Ainda na província do Douro, Coimbra, altiva, contempla as curvas do Mondego. Emoldura-a o choupal poético, onde os salgueiros parecem chorar os amores de D. Pedro e D. Inez!

Merece a pena demorarmos-nos um pouco a contemplar a nossa cidade universitária:— Lá está Santa Clara, guardando os restos da Rainha Santa, a do milagre das rosas. Olhem a Quinta das Lágrimas, o Penedo da Saúdade com o seu encantador panorama sôbre a Serra da Louzã, a Mata do Rei, a Sé Velha e lá em cima, dominando tôda a paisagem, a Universidade.

Não longe o Bussaco, a Curia, Penacova e Figueira, terras cheias de frescura, que parece emprestada pela graça das tricanas e pelas capas dos estudantes!

À nossa volta as Beiras, terras altas e sá-dias, gente franca, acolhedora. Lá vai a linha férrea atravessando viadutos e túneis e torcendo-se constantemente, como que a fugir de precipícios.

No alto a Sé de Viseu olhando a Serra do Caramulo com os seus tons violáceos, domina tôda a província, onde nos surge, de quando, em quando, farta vegetação. À nossa volta,



a Beira Baixa, com a sua linha acidentadíssima. Estamos na Serra da Estrêla, ainda há pouco cobertinha de neve!

Lá vão os pastores, isolados do mundo, vivendo anos e anos com os seus rebanhos, e quando Deus quer com os lobos, adversários maiores que o frio, que regelaria os ossos se não fôsem os ceifões e as samarras!

Terra de fragas, povoada aqui e ali por aldeias interessantes, avistam-se daqui os castelos de Sabugal, Belmonte e Belver. Olhem a Guarda, a cidade sanatório, com as tôres da sua Sé e ao pé de nós, a Covilhã fábrica tecidos dos melhores e possui um sanatório magnífico, que a nossa Companhia lá mandou fazer, obra de assistência notável que todos os ferro-viários portugueses deviam conhecer.

Castelo Branco, na aba da Serra, vive tristonha, mas progressiva, e logo adiante, nas Portas de Rodam, o Tejo alegre a paisagem, galgando montes e vales.

Chegámos à Estremadura. No alto Abrantes, dondê se avista um riquíssimo panorama, das muralhas do seu Castelo. Mais adiante, as fábricas do Tramagal e da Praia do Ribatejo e entretanto avista-se o Castelo de Almourol, caprichosamente construído no meio do Tejo, padrão lendário que mais parece obra de fadas.

Vou contar-vos a lenda dêsse castelo:— Há muitos anos, era senhor do castelo D. Rodrigo, casado, possuindo uma única filha de nome Beatriz. Um dia, quando regressava de combater os infiéis, encontrou duas mouras formosíssimas, uma das quais conduzia uma bilha com água.

D. Rodrigo, cheio de sede, pediu-lhe de beber; a moura assustou-se e larga a bilha que se parte. D. Rodrigo, irado, mata-as e foi conduzido como prisioneiro para o castelo, um pequeno mouro, de 11 anos, irmão da moura mais nova. O mouro, anos volvidos, devorado pela sede de vingança, ministra à castelã um veneno, que a mata lentamente. Apaixonado pela filha de D. Rodrigo, foge com esta, quando o pai pretendia casá-la, com um nobre da sua estirpe. O castelo, abandonado, caiu em ruínas e a lenda diz, que na noite de S. João, aparecem na torre mais alta, o mouro abraçado a Beatriz. D. Rodrigo, rojando-lhe aos pés, e a mulher junto dêle, imploram clemência, sempre que o mouro solta a palavra:—Maldição!

Adiante Tomar, com o Convento de Cristo

e a célebre janela da Casa do Capitulo, olha as margens encantadoras do Nabão. Perto Fátima, terra santa onde apetece rezar.

Desce-se para a Batalha rendilhada, poema de pedra justamente considerado a nossa melhor jóia arquitectónica. Repouso de Reis e Rainhas, o Convento da Batalha, foi mandado fazer por D. João I, em memória da vitória sobre os espanhóis, nos campos de Aljubarrota, pequena aldeia onde nessa época, uma padeira de nome Brites de Almeida, matou à saída dum forno, sete espanhóis, que o medo e o cansaço ali tinham feito refugiar.

Leiria já se avista. Possui um dos mais belos castelos de Portugal; beijam a cidade dois rios poéticos:—o Liz e o Lena.

O pinhal de Leiria, guarnece a linda cidade, que tem a sua história e as suas lendas. Lindos os seus arredores, curiosos os seus mercados, onde as camponesas, de beleza pouco vulgar, aparecem com o traje característico da região, vendendo fiadas de pinhões. Perto as fábricas de vidro da Marinha Grande e a dos cimentos da Maceira, empresa modelar que honra a indústria nacional.

Estamos em plena Estremadura farta e franca, estendendo-se à beira-mar. Lá está Alcobaça, com o seu mosteiro monumental considerado um dos maiores do mundo!

Ao lado, a Nazaré, praia castiça, terra de lendas e milagres.

Olhem o mar encapelado, e à sua beira, ajoelhadas, mulheres de pescadores imploram a protecção da Virgem Santíssima, não vá haver naufrágio.

Ao lado, lá no alto do promontório a Igreja que guarda tão venerada imagem. Paremos um pouco para vos contar um milagre:—D. Fuas Roupinho, alcaide de Pôrto de Mós, tinha a paixão da caça aos veados. Um dia cego na corrida quando perseguia um dêsse animais, chegou ao alto do promontório donde o veado se despenha sobre o mar.

Impossível evitar o desastre. O cavalo, apoiando as patas num rochedo, atira-se sobre o mar. D. Fuas, vendo-se perdido, invoca a Virgem da Nazaré, que lhe aparece entre nuvens. E milagrosamente, o cavalo fica, como que preso ao rochedo, apoiado nas patas.

Diz a gente da Nazaré, que ainda hoje, se vêem na rocha, os sinais das ferraduras...

Terra de trabalho, cheia de carácter, nasceu olhando o mar. Na roda do ano, perdem-se dezenas de vidas, que o mar leva sem dó nem piedade!



A vila tem por vezes o seu ar de tristeza: —As mulheres, envoltas nas suas capas negras, descalças, rostos expressivos. Os homens, com os seus barretes negros, camisas de flanela axadrezada, olham o mar, serenos e fortes, como pensando vingá-lo de daquelas vidas, que o mar traiçoeiramente levou!

Tem também a terra as suas alegrias.

É ver os seus círios tradicionais, vindos de tão longe, com o juiz à frente, respeitável, empunhando o pendão, bifurcado no seu cavalo e cobertinho de pó. Os romeiros, com as suas opas vermelhas, os anjinhos de capote à romana e asas de arminho, a berlinda puxada por mueres ajaezadas, e na cauda a filarmónica...

Dá graça ver a chegada dos círios e sobretudo o cantar das loas, em que os anjos se preocupam mais com as luvas brancas que levam nas mãos, do que com os versos que entoam, e que sabem de cor e salteado!...

A Estremadura tem agora alguns dos seus mais belos aspectos.

A baía de S. Martinho, com as suas águas de prata, parece feita para creanças, e logo adiante, Alfeizerão, de origem árabe, fábrica de pão de ló delicioso.

Caldas da Rainha surge-nos por entre os plátanos do seu parque lindíssimo. Impressiona o seu hospital, mandado fazer, como a linda Igreja Matriz, pela Rainha D. Leonor, a fundadora das Misericórdias.

Um dia, dirigia-se a Rainha D. Leonor de Óbidos para a Batalha, onde ia assistir a umas exéquias por alma de D. Afonso V. Logo adiante de Óbidos, pequenino presépio onde as muralhas do vetusto castelo atraem o visitante, viu um grupo de chaguentos, banhando-se nuns poços de água fumegante. Inqueriu do que se passava e ao ouvir dizer que aquelas águas eram milagrosas, quiz experimentar-las num tumor que tinha no peito e que há tempo a atormentava. Assim fez. Seguiu o cortejo rial estrada adiante, e ao chegar a um logarejo, deu-lhe a curiosidade para ver se tinha melhoras, o que sucedia. Admirada com tão rápidas melhoras retrocedeu, voltando a fazer uso das águas. Ao logarejo, deu-se o nome de Tornada e no ponto onde existiam aquelas águas de milagre, levantou-se o hospital caldense, onde ainda hoje, se tratam gratuitamente, pobres de todo o País.

Fundado o hospital, creou-se a vila, a que

se deu o nome de Caldas da Rainha, o mesmo que Termas da Rainha!

Terra farta esta das Caldas onde o clima, as belezas e os mercados constituem fortes atrativos; tão afamados como as suas loiças regionais, que todo o País conhece.

Perto, duas praias encantadoras, Foz do Arelho e Peniche, esta com a indústria de conservas e as suas delicadas rendas, que parecem feitas com espumas das águas do mar.

Para outro lado Santarém, donairoza, disfruta a lezíria movimentada e alegre, salpicada aqui e ali por manadas de toiros. Vive ali o campino, em pleno ar livre, queimado pelo sol criador. Montado no seu cavalo corre léguas sem fim. Calção azul, meia branca até ao joelho, sapato de bezerro e esporas, colete vermelho e barrete verde, galopa de sol a sol a lezíria.

É o rijo português da touradas, figura de aço que pega num toiro, com a mesma facilidade com que joga o pau, ou dança o fandango.

Forte e leal, não volta a cara a ninguém. Quando falarmos no Ribatejo, onde Vila Franca, Azambuja, Almeirim, Chamusca e Alpiarça surgem caídas na planície, teremos sempre de falar no campino, português às direitas, valente e decidido, a quem coisa alguma mete medo!

O Tejo atravessa a lezíria. Em ambas as margens, fábricas de adubos, de cerâmica, de moagem, de cimento e rio abaixo, dezenas de fragatas, velas ao vento, transportam mercadorias para Lisboa.

Ao lado, lá no alto Sintra cheia de beleza, com a sua vegetação exuberante, o Castelo dos Mouros e o Palácio da Pena. Perto Mafra, com o seu monumental convento; parece ouvirem-se aqui os carrilhões que o Rei Magnânimo lá mandou colocar...

Estamos na região dos saloios, que nos dias de mercado, vestem o seu melhor fato de surrobeco, com calça à boca de sino e barrete negro. Na mão, o varapau, o inseparável companheiro, que maneja com perfeição em defesa da namorada, que ao lado, sentada no seu burro, vai fresca e sãdia, lenço à roda da cabeça, saia de beítilha e cordão de oiro ao pescoço...

Junto ao mar, Ericeira e Santa Cruz, praias lindíssimas. Perto o Castelo de Tórres Vedras, região vinícola importante, onde os vinhos, como os pastéis de feijão, têm larga fama!

Já se avistam os Estorís e Cascais e logo



adiante, debruçada sobre o magnífico estuário do Tejo, surge-nos Lisboa.

Estamos na capital de Portugal, cidade de notáveis tradições históricas, considerada uma das mais belas do mundo.

Tomada aos mouros por D. Afonso Henriques em 1147, do seu pôrto de mar saíram as armadas para a conquista de Ceuta e para o descobrimento da Índia e Brasil. D. João I defendeu-a dos castelhanos, D. João V enriqueceu-a e o Marquês de Pombal reedificou-a depois do terramoto de 1755.

A cidade assenta sobre sete colinas, douradas pelo lindo sol de Portugal.

Junto ao Tejo, a Torre de Belém e Convento dos Jerónimos, recordam a nossa epopeia marítima e por toda a cidade há monumentos curiosos como o Convento da Madre de Deus, a Basílica da Estréla, S. Vicente de Fora e muitos outros.

No alto, dominando toda a cidade, o Castelo de S. Jorge, onde tantos actos de valentia e patriotismo foram praticados.

O seu povo alegre, os seus bairros cheios de carácter, têm especial devoção por Santo António, santo milagreiro cuja vida é interessantíssima.

Deixemos a nossa capital, que todos nós conhecemos. Têm tal fama as suas belezas que dela se diz: «Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa».

Ainda na Estremadura, mais abaixo, Setúbal com o seu magnífico pôrto de mar e as suas fábricas de conserva.

Rodeada de laranjais lindíssimos, a cidade de Setúbal tem à sua volta pontos de vista excepcionais, como Arrábida, Outão e Palmela.

Mais ao Sul, Alcácer, Santiaço do Cacem e a pequena baía de Cezimbra, terra de pescadores.

Já se avista o Alentejo, charneca ardente com as suas planícies áridas, onde os calores escaldam. Andam na faina das ceifas; sequiosos, tostados pelo sol, homens e mulheres colhem o pão, que havemos de comer em nossas casas. Lá estão os castelos de Montemor e Alvíto e as torres altas da Sé de Évora, capital da província alentejana, cidade de arte e tradições notáveis, cuja história está cheia de acontecimentos interessantes. Pejada de monumentos preciosos, pode sem favor, considerar-se uma das mais características terras de Portugal.

A riqueza dos seus museus, as suas ruas

curiosas, os costumes do seu povo, a elegância das suas fontes, a beleza dos claustros dos seus conventos, a paisagem encantadora que rodeia a cidade, as suas construções arquitectónicas, fazem com que a «Sempre bela» cidade alentejana, mereça muito justamente, o cognome de «Cidade-Museu».

Logo adiante Arraiolos, tão conhecida pelas suas tapeçarias; Évora-Monte, padrão notável da nossa história, lá no alto, e próximo Estremôs, rica em mármore olha os campos de batalha do Ameixial. Vila Viçosa, mostramos o palácio real, o castelo e as suas enormes tapadas.

Avista-se daqui Elvas, metida nas suas muralhas tão perfeitas, tão estimadas que parecem de ontem. Lá vai o aqueduto da Amoreira, junto ao Senhor Jesus da Piedade, festa que todo o Alentejo conhece.

Do lado de cá Portalegre, encostada à Serra de S. Mamede e mais aquém, Castelo de Vide, branquinha de neve, lá no alto. A seguir Marvão, tão alta, tão alta, que no dizer dos habitantes, se vêem, das muralhas do castelo, os pássaros pelas costas...

Lá vai a linha do Ramal de Cáceres enroscando-se constantemente. Foi nesta região alentejana que D. João da Câmara, fidalgo, dramaturgo e ferro-viário, escreveu a magnífica peça de teatro «Os Velhos», considerada a melhor peça do teatro português.

Ao largo, a Torre de Beja, o Convento da Conceição e as chamadas Portas de Mértola, donde se avista meio Portugal. Mas antes, Viana do Alentejo com a Igreja Matriz caprichosamente construída dentro das muralhas do seu castelo. Lá estão as torres brancas da Senhora de Aires, milagrosa ao que dizem, e em cuja sacristia se encontram centenas de oferendas, ingénuos quadritos a óleo pintados pelo barbeiro da aldeia...

Foi ali que há anos, topei com uma dessas oferendas reproduzindo um carro alentejano, carregado de trigo, passando por cima das pernas de um camponês. As mueres espantaram-se com a trovoada e daí o desastre!

Na legenda desse quadro, a família do sinistrado contava o acontecimento, agradecendo a intervenção da Senhora de Aires, pois que o carro partiu ao pobre homem uma das pernas, quando podia ter-lhe partido as duas...

Ao longe um rancho de camponesas para a ceifa, saías atadas pelo joelho, chapéu negro desabado, coberto de espigas. Comem



gaspacho e açorda e quando calha saboreiam as deliciosas migas, manjar alentejano dos melhores.

Alentejo fora, arrumado a terras de Espanha segue o Guadiana, um dos nossos maiores rios, que vai encontrar o Oceano em Vila Rial de Santo António.

Coberto de amendoeiras e figueiras, depois do Alentejo, o Algarve é terra perfumada, tão branca, que fere a vista. Cheia de luz, cheia de flôres, o Algarve é uma província risonha, cheia também de côr e de inte-rêsse.

Pelo clima pívilegiado, pelo incomparável azul do seu céu, pela beleza da sua paisagem, pelos costumes dos seus habitantes, pelo verde do seu mar, o Algarve é uma região encantadora, terra prometida e abençoada debruçada à beira-mar e protegida pelas alturas da Serra de Monchique.

Avistam-se daqui as Sés de Faro e Silves, as praias lindíssimas de Monte Gordo, Albufeira e Rocha, a ampla baía de Lagos, a casaria geométrica de Olhão e lá longe, no promontório de Sagres, parece distinguir-se a figura heróica do Infante D. Henrique, apontando aos nossos navegadores o caminho dos mares.

Terra de gente boa, terra farta onde a amendoa e o peixe constituem grandes fontes de riqueza, o algarvio vive na sua província, quasi alheado ao resto do País.

Tem de tudo o Algarve, que lembra uma grande horta à beira-mar. Para nada lhe faltar fábrica doces deliciosos como os D. Rodrigo e os Morgados, que fazem crescer água na boca...

É triste de aspecto o algarvio, mas quando lhe cheira a festa, dança o corridinho ao som do harmónio, com moças de olhos negros, que lembram mouras encantadas.

Anoitece. Temos de voltar ao Entroncamento. Já mal se vê na Serra da Estrêla. A-pezar-de ter gasto um dia a mostrar-vos a terra bendita de Santa Maria, mais, muito mais, havia para lhes dizer.

Mostrei-lhes Portugal a correr e a correr também lhes falei das suas paisagens, dos seus costumes, dos seus monumentos, das suas festas e romarias, dos seus manjares, das suas belezas, das suas alegrias e tristezas.

As vindimas, as desfolhadas, a chula, a caninha verde, o bioco algarvio, a caldeirada, as papas de milho, os barcos rabêlos, a pesca do atum, os trajes regionais, os santos popu-

lares, as indústrias caseiras, lendas, batalhas, milagres, hábitos da nossa gente, tudo isso levaria muitos dias a contar-vos. Tive em vista unicamente mostrar-vos Portugal de relance, o Portugal continental. Não lhes falei das belezas dos Açores e da Madeira, nada lhes disse de Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné, onde produzimos milho café, cacau e oleaginosas. Nem ao de leve lhes toquei de Angola, província de extensos territórios, progressiva e rica; nada vos disse de Moçambique, colónia privilegiada onde tantos milhares de portugueses ganham a vida. Propositadamente não citei Índia, Macau e Timor, onde se fala português e onde padrões imorredoiros recordam Portugal doutras eras, em que punhados de portugueses, metidos em frágeis caravelas, descobriram «mares nunca dantes navegados»...

Tenho de pôr fim a esta palestra.

Quando falo de Portugal—a terra onde nascemos—entusiasmo-me a tal ponto, que sem querer, abusei da vossa paciência. Perdõem-me.

Aconselho-vos a fazerem o mesmo, quando falarem de Portugal, que além de ser a nossa terra, é um dos mais belos países do mundo!

«Portugal não é um país pequeno», mas sim uma grande e próspera nação, que hoje tem uma administração modelar e atravessa uma época de ressurgimento que deve constituir motivo de orgulho para todos os portugueses.

Aproveitem os vossos dias de licença a conhecer Portugal.

Vou terminar com as palavras dum grande escritor nacionalista:

«Nada há no mundo mais saborosamente aprazível para um coração lusitano, do que viajar, simples, modesta, obscuramente, em Portugal».

Disse.

---

**A «Portugal Colonial» deseja a todos os seus assinantes, leitores e anunciantes, bem como a todos os colonos portugueses da África, Ásia e Oceania, um Natal muito feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.**

---



# DA IMPRENSA

## IMPREENSA ESTRAN- GEIRA

## T R A N S

O colonial que depois dum auma ausência mais ou menos longa, volta à Mãe Pátria, fica assombrado com a extraordinária voga que tomou o desporto na Bélgica.

No entanto, esta voga não é unicamente nacional. Procuráramos inutilmente no mapa, um país onde o desporto não fôsse praticado numa escala que varia evidentemente, conforme a densidade da população, na região.

Naquilo que nos diz respeito, depois duma ausência de dez anos em África, queremos dizer nalgumas linhas, que não têm outro objectivo do que dar a conhecer os esforços feitos por um grupo dedicado de propagandistas da ideia desportiva em Katanga, os resultados obtidos.

### O FOOT-BALL.

—Tal como na Bélgica, o foot-ball é o rei do desporto em Katanga. Desde quando se joga o foot-ball nesta região? Desde há 25 anos! O aumento constante da população—não existia então a crise de hoje—provocou o aumento correspondente de amadores da bola e por consequência, a qualidade do jogo.

Não tardou em se manifestar uma feliz iniciativa graças a Watson e Feigenbaum de Broken-Hill (Rodésia do Norte) e o camarada Haeth.

A este grupo de amigos dedicados, a população deve a organização do primeiro encontro intercolonial foot-bal, Katanga-Broken-Hill Match, que obtem um êxito enorme em cada exhibição.

A primeira edição desta exhibição, teve lugar em 1924, em Elisabethville. Desde então passou a ser anual e joga-se um ano em Broken-Hill, outro ano em Elisabethville.

Perante o êxito desportivo e espectacular demonstrado pelas manifestações desportivas e pelos resultados adquiridos pelos Katangueses em face dos seus adversários—sem dúvida mais científicos, mas, muito menos fogosos—os dirigentes do país do cobre entabolaram rapidamente novas "démarches", para a realização dum novo "match, entre a selecção da Northern Rhodesian Foot-Ball Association, e a equipe representativa do Katanga.

E assim podem os Katangueses, assistir regularmente aos grandes "matches", intercoloniais de foot-ball, com a participação dos nossos amigos da Rodésia.

O raio de acção dos diferentes clubes é de 150 quilómetros, aproximadamente. Se a quantidade de clubes participantes ao campeonato diminuiu—tivemos a certa altura até 10 grupos diferentes—a causa directa pode ser atribuída à maldita crise económica. Quantos rapazes jogadores, deixaram África contra a sua vontade!

**A NATAÇÃO.**—A amibiana, parasita dos intestinos, que abunda em inúmeros rios de África, constituiu durante longos anos o obstáculo quasi infranqueável para os amadores de natação. O lago da Estréla, mina da União Mineira, abandonada provisoriamente pelos seus exploradores, cheio de, aproximadamente, trinta a cinquenta metros de profundidade de água de infiltração, provoca uma nova emolucão no meio dos nadadores.

Uma série de análises cuidadosamente feitas, revelaram que a água é absolutamente pura e livre de micróbios.

Desde que esta notícia foi conhecida, a febre pela natação redobrou. Desde 1929 a *Federum*, escolheu o lago como sede; a sociedade desportiva que se tinha criado foi dissolvida em 1930 para dar lugar ao "Círculo Náutico de Eville."

O entusiasmo demonstrado pelos nadadores pelo lago da Estréla, ainda que situado a 12 quilómetros do centro da cidade, incitou o empresário italiano M. Ramazzio, a construir uma piscina

de 50+20m de dimensão no lugar chamado "Luna Park", e situado a quatro quilómetros da cidade. A inauguração oficial teve lugar a 12 de Fevereiro de 1931 na presença das entidades e personalidades da vila. Situada num magnífico cenário de verdura, rodeada de amplas e numerosas cabines, esta nova construção não tardou em atraír grande número de adeptos.

Várias festas com a colaboração dos nadadores e das nadadoras, são anualmente organizadas; o primeiro campeonato de natação de Katanga, realizou-se no dia 8 de abril de 1931 com um êxito extraordinário.

**O CICLISMO.**—Em Katanga existe outro desporto que tem tódas as honras: o ciclismo. E prova tangível é que existem três velodromos numa só região.

Um deles está situado em Elisabethville—quere dizer, no coração da cidade. A pista mede 333,33 de volta, ou seja um quilómetro por três voltas; outro está situado em Kipushi, a 30 quilómetros de Elisabethville. O terceiro

(Conclue na página 21)

# COLONIAL

## CREVE-SE

## IMPREENSA PORTU- GUESA

As possibilidades mineiras da Colónia de Moçambique são ainda hoje, por razões de ordem e natureza diversas, muito mal conhecidas.

O que a carta mineira nos mostra, num primeiro esboço, são sinais que indicam áreas ou zonas mais ou menos mineralizadas, que na sua grande maioria, não foram objecto de um estudo concreto de modo a permitir dar-nos o grau do seu valor económico.

Sem dúvida que já são importantes os trabalhos efectuados mas a verdade é que se está muito longe dos resultados que é preciso atingir.

Sabemos que os trabalhos mineiros, começando pelos estudos geológicos, em regiões desconhecidas ou quasi desconhecidas, de clima depauperante, em que os factores intelectuais e físicos do homem estão sujeitos a constantes causas que diminuem a sua potencialidade, são

complexos e carecem de tempo e de uma organização especial que tem faltado. Mas sabemos também, que sem força de vontade, digamos sem teimosia, pouco ou nada se poderá conseguir.

O problema é, portanto, de ordem técnica e moral.

Muitas tentativas se tem feito no campo mineiro na Colónia, mas de tódas elas não se tirou um conjunto de resultados animadores. Muito pelo contrário, a falta de êxito dessas tentativas tem feito radicar as ideas pessimistas dos descrentes e, pior do que isso, tem feito subir o número deles.

Dum modo geral podemos dizer que a orientação seguida pelos que têm tentado procurar e explorar as riquezas minerais está longe de corresponder à justa idea que deve presidir, actualmente, a estes empreendimentos.

Antes, porém, de falarmos das razões que levam a esta afirmação, desejo frisar um ponto que penso ser importante porque nele se baseiam muitas das opiniões que ouvimos a cada passo.

Todos conhecemos a existência de indivíduos que se dedicam à procura de jazigos minerais. Pois é necessário reduzir à sua verdadeira proporção a acção destes pesquisadores isolados. Com efeito, é corrente tomar-se como indice o insucesso da pessoa que durante mais ou menos tempo se perde no *mato* em laboriosas pesquisas. Esquece-se que esse indivíduo na maioria dos casos, se não na sua totalidade, desconhece por completo a ciência basilar de tódá a prospecção—a geologia, e que só um

acaso feliz pode fazer com que descubra alguma cousa.

Longe de mim pensar em atacar e desprezar êsses corajosos, tenazes e confiados servidores da causa pública a quem, por vezes a sorte bateja—quasi sempre ao fim de profiados esforços—, e que assim contribuem para acrescentar indicações preciosas à carta mineira da Colónia.

Mas a verdade é que temos de colocá-los no seu justo lugar não fazendo deles o fulcro de tódá a presente e futura actividade mineira.

Os grupos de indivíduos, as organizações mais completas que se propõem fazer pesquisas e explorar, dispondo de outros recursos, é que verdadeiramente estão em causa.

São, como se sabe, muito complexas e extensas as considerações a fazer sobre estes problemas, e por isso, limitar-me-ei a fazer, sucintamente, algumas considerações de ordem geral.

Em primeiro lugar devemos falar do tempo—a geologia não quer pressas. O reconhecimento geológico e depois a prospecção mineira duma região deve fazer-se meticulosamente, sem preocupações de data.

isto é, sem antecipadamente marcar o dia em que os trabalhos devem estar concluídos. A maior ou menor duração do período desses trabalhos depende de muitos factores que é impossível prever. Ora se isto é assim para as regiões civilizadas, com mais forte razão se acentua para as que o não são, e principalmente nesta parte da África, por todos os motivos conhecidos: clima, vegetação, dificuldades de transporte, falta de água, grandes áreas lateríticas, regime das chuvas, etc.

O reconhecimento geológico deve anteceder a prospecção mineira. Os estudos geológicos nas Colónias nem sempre estão feitos de modo a permitirem aos pesquisadores o conhecimento prévio, por meio de cartas geológicas, dos terrenos que vão percorrer. Portanto, como primeiro trabalho, deve o prospectador percorrer a região que pretende pesquisar com o fim de conhecer a natureza dos terrenos—condição necessária para se seguir uma orientação lógica nestes trabalhos.

Outro ponto essencial é o que diz respeito à organização que normalmente deve ser estabelecida. Temos,

## Algumas considerações sobre o problema mineiro da Colónia

Do «Boletim da Sociedade de Estudos da Colónia  
de Moçambique»



entre outros, dois casos a considerar: ou a pesquisa se faz sob um objectivo determinado, para a qual não há indicação alguma da existência de jazigos minerais, ou se faz baseando-a em indicações que se possuem sobre a possibilidade da sua existência.

É sobretudo nas Colónias, que o primeiro caso tem lugar: os prospectores podem indicar—dentro de certos limites impostos pelas determinantes do traçado duma via de comunicação—pontos por onde esta deve passar servindo uma região de provável interesse mineiro.

Mas sempre, seja em que caso for, estes estudos de campo têm de observar determinadas normas consignadas em todos os tratados da especialidade e que são produto de longa e laboriosa prática.

Refiro-me, devo repeti-lo, às organizações que têm capacidade financeira para possuírem um técnico especializado nos trabalhos que vão empreender.

Todos os estudos devem estar subordinados a um comando único, na mão do técnico que deve, antes de partir para o campo, reunir toda a documentação sobre a região que vai estudar. A dualidade de comando, a falta de confiança que tem em si a pessoa que deve dirigir e orientar os trabalhos, a falta de espírito de continuidade que leva ao prematuro abandono desses trabalhos, são, na maioria dos casos, os principais factores que conduzem ao insucesso.

Estes estudos, carecem, naturalmente, de ferramentas e aparelhagem, auxiliares poderosos, sempre necessários, pelos grandes serviços que nos prestam.

Dada a importância das quantias que geralmente se põem em jogo no decurso destes trabalhos, os prospectores devem lançar mão de todos os recursos materiais necessários que lhes aumente as condições de êxito. A geofísica veio, favorecer consideravelmente a prospecção dando a esta meios de observação e de previsão de valor inestimável. Os métodos, baseados sobre as anomalias físicas, requerem o emprêgo de aparelhagem mais ou menos cara, que nem sempre pode ser adquirida pelos prospectores. Mas a bússola, a sonda, o jogo de crivos, o moínho de prospecção, um pouco de mineralogia, os explosivos, as lupas, as bateias, as pás, as enxadas, os martelos, as marretas, as alavancas, as brocas, etc., etc., não devem faltar ao prospector que se queira desempenhar, com segurança, da sua missão.

Contrariamente ao que vulgarmente se pensa e diz sobre questões de minas—é bom frisar—os problemas não se apresentam tão simplesmente de modo a permitir julgá-los de ânimo leve. O estudo geológico, a interpretação dos fenómenos que nos oferece a crusta terrestre, tão variados e complexos como a própria natureza, só para os leigos merece um sorriso de superior desdém.

É evidente que as condições de prospecção mais favoráveis são as que nos dão as regiões de bom clima e sem vegetação ou de muito pouca vegetação como acontece em certas partes da Espanha e Portugal e no norte de África. Pelo contrário, as que nos dão condições menos favoráveis são as regiões da floresta tropical.

Aqui a velocidade de avanço é lenta, já porque a vegetação luxuriante nos oferece inúmeros obstáculos, já porque o campo de visão é muito limitado obrigando-nos a percorrer, a partir da linha do itinerário muitas transversais.

Assim nestas condições, a velocidade de avanço normal para uma equipe de dois prospectores é ordinariamente de 3 a 5 quilómetros por dia (1).

(1) L. Thiébaud *Recherches et Études Economiques des Gîtes Métallifères*.

O trabalho do campo não se mede, pois, em função do número de quilómetros percorridos.

Descoberto um afloramento é necessário proceder-se a um estudo de detalhe com o fim de precisar o interesse real que representa a descoberta feita. Uma das razões que contribue para insucesso está em não se fazer este estudo de detalhe com cuidado, aproveitando todas as indicações geológicas, topográficas, mineralógicas e petrográficas de modo a permitir a interpretação dos fenómenos observados.

Descobrir e não avaliar o que se descobre induz logo a dúvidas que não devem existir.

Não compreendemos, portanto, como se fala com entusiasmo a respeito de alguns sinais ou indícios de mineralização, sem se conhecer o valor que eles representam.



Esboça-se actualmente um movimento mineiro ao norte da Colónia que se não deve deixar passar desapercibido. O distrito de Moçambique revela-se particularmente rico em jazigos de mica, produto que—como se sabe—tem larga aplicação principalmente na indústria eléctrica, onde desempenha o papel de isolante.

Ora, como aconteceu em Madagascar (1)—que fornece a totalidade da produção francesa deste produto—devemos esperar, desde já, que se observem três períodos na evolução destas explorações. O primeiro período corresponderá à exploração dos afloramentos, o que não exige o emprêgo de grandes capitais, apresentando-se o problema na sua forma mais simples. O segundo período será caracterizado pelo seguimento da exploração em profundidade, na zona alterada, para o que se torna necessário o emprêgo de maiores capitais. E finalmente, o terceiro período será caracterizado pelas explorações abaixo daquela zona de alteração o que implicará, naturalmente uma organização mais poderosa, aparelhada de maquinismos e aparelhagem adequada para vencer as inúmeras dificuldades que em tais casos e apresentam (2).

Uma exploração regular esgotará rapidamente os afloramentos dos jazigos, embora muitos deles mostrem estes afloramentos particularmente ricos. É, portanto, o segundo e, sobretudo, o terceiro período que vem merecer atenção especial pelo movimento mineiro que determinam e pelos avultados capitais que se vão empregar.

É claro que, desde já, economicamente, o começo da resolução reveste importância. O estabelecimento de europeus em pontos distantes, nos logares das minas, trazendo como consequência o movimento através das regiões mal conhecidas; o emprêgo de indígenas nos trabalhos, trazendo como consequência a sua aprendizagem e todo o cortejo de benefícios conhecidos; a utilização transportes obrigando a conservação e arranjo das estradas, etc., etc., são pontos importantes a ler em conta.

A considerar ainda, devendo merecer a maior atenção, é o que pode resultar em matéria de prospecção, para o conhecimento mineiro do distrito visto que outros elementos, guiados pelo exemplo, se lançarão à caça de novas minas e os próprios que já as possuem não deixarão de prosseguir nas pesquisas.

Como ponto de partida, pois, a exploração da mica

(1) H. Besairie *Recherches Géologiques a Madagascar*.

(2) Madagascar encontra-se hoje neste último período, estando previsto o emprêgo dos modernos métodos de prospecção geofísica para levar as explorações a atingir o seu maior desenvolvimento.



— que só por si se pode tornar uma indústria muito importante—virá trazer incontestáveis benefícios ao distrito de Moçambique e dum modo geral à Colónia (1).

Sem dúvida que o Caminho de Ferro de Moçambique, que chega já ao meridiano de Ribauê, muito veio contribuir para se poder falar hoje mais afoitamente em explorações no interior do distrito, visto que debelou muitas dificuldades que existiam e que muito atemorizavam os pesquisadores que, em geral, não passavam da faixa litoral.

A existência de alguns jazigos de mica implica desde logo com o exame criterioso das suas reservas tanto sob o ponto de vista qualitativo como quantitativo—é a primeira fase de todo estudo da exploração mineira. Cada um terá as suas características especiais que devem ser estudadas para se poder conhecer e definir o quadro rígido que limita o nosso campo de acção.

Entre eles pode haver analogias que vão conduzir à processos semelhantes de exploração, sendo erro grosseiro afirmar que, por se tratar de jazigos da mesma substância mineral, há entre eles identidade e que, portanto, se aplicarão a todos os mesmos métodos e processos de trabalho.

Como R. Loustau preconizamos em toda a organização mineira os três princípios cartesianos que na sua essência são: Em face dum problema mineiro é preciso afastar toda a ideia preconcebida. Isto quer dizer que devemos estudar as questões nos seus mínimos detalhes com a actualidade de momento sem, *à priori*, considerarmos certos pontos resolvidos. O princípio da divisão ou da análise que é a base de toda procura metódica: cada dificuldade deve ser dividida no maior número de parcelas possível e do melhor modo para facilitar a sua resolução. Por último o princípio da síntese: a acção que sucede ao estudo, e que aplica as conclusões deste, assenta sobre a síntese.

E para terminar estas considerações, que são feitas a título de modesta e despreziosa contribuição, para ajudar a resolver o problema mineiro da Colónia, devo apontar uma outra causa de insucesso frequente nestas empresas.

Quero referir-me à falta de assistência dada aos problemas de ordem técnica e comercial, colocando-se no primeiro plano destas organizações as questões de ordem financeira e administrativa.

Ora a verdade é que as fundamentais são os primeiros por que são eles que determinam se o empreendimento é ou não viável. Os últimos, de ordem financeira e administrativa, são secundários quando os comparamos com aqueles.

A. DA SILVA PINTO.

(1) Na Romania, em nossos dias—país de muitas riquezas minerais—a procura do petróleo e do ouro fez conhecer importantes jazigos de outras substâncias minerais, *Ann. des Mines ne Roumanie*.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO

PELA COMISSÃO DE CENSURA

PORTUGAL COLONIAL

## A VOGA DO DESPORTO EM KATANGA

(Conclusão da página 18)

"track", está situado em Pank, no mesmo terreno do Ramblers Foot-Ball Club. O número de corredores é bastante restrito, a-pezar-do público na ocasião das corridas da época, afluir com o maior interesse e estas são sempre realizadas com o maior êxito.

**O TÊNIS.**—Instaurados desde o princípio os processos de Elisabethville, o desporto da raqueta, nestes últimos tempos, tomou um desenvolvimento extraordinário em toda a região.

Todos os organismos possuem campos para o seu pessoal. Bem entendido, trata-se de campos privativos. Não esqueçamos de citar aqui, as magníficas instalações do Círculo de Ténis de Elisabethville, que se compõem de seis campos esplêndidos. Foi nesses campos, que o antigo internacional italiano de Morpurgo, vencedor do nosso campatriota Washer, quando dos jogos olímpicos em 1934, jogou em Fevereiro de 1935 com vários tenistas Katangueses.

Acrescentemos as instalações e que instalações! de Panda, Likasi, Kipushi, Albertville, Kabinda, Sandoa, Sankania, e vários outros campos privativos, e asseguremos aos aspirantes congolezes a tenistas, que não perderam a forma em Katanga!

**O HOCKEY.**—O hockey é o desporto mais novo em Katanga. A primeira equipe data de 1928, em Elisabethville; no entanto é ao Hockey Club de Elisabethville e depois à secção de hockey do Ramblers F. C. que o público deve o ter visto as magníficas exhibições de hockey.

O número de clubes é restrito, de acôrdo, mas a qualidade do jôgo, adquiriu um nível acima do vulgar. Podemos acrescentar, porque assim o ouvimos dos melhores hockeeyes da Rodésia do Norte que o hockey de Katanga iguala o de Copperhelt, o que é uma ótima referência.

Os hockeeyes Katangueses jogam em quasi todas as épocas com os seus vizinhos, dalém-fronteira—quere dizer com as equipes: Messieurs, Muflira, Mixer Damas de N'Chanba, N'Kanan. Durante a Exposição de Elisabethville em Maio de 1931, um "team", de Broken-Hill, veio dar a réplica ao Hockey Club de Elisabethville, e em Setembro de 1932 tivemos o prazer de acompanhar a equipe de Evile até Fort Rosebery que contava então onze habitantes unicamente e todos praticavam o hockey!

A-pezar-da viagem de automóvel ser de 600 quilómetros, (ida e volta) foi dos deslocamentos mais agradáveis que fizemos.

JULIEN GITS.

## ANTIGA CASA TEÓFILO

Fundada em 1898

41, R. Barros Queiroz, 43

L I S B O A  
P O R T U G A L

Bonets  
Artigos  
Militares

Especialistas em:

Para uniformes.



### Medida administrativa

O Ministério das Colónias belga e o Governo do Congo, resolveram aplicar uma medida administrativa, tendente a afastar dos logares de chefe do posto, todos aqueles que se serviram do "tiro", político para entrar na administração. Por isso agora, desde há uns meses, todos aqueles que não doutores em direito "cavam", com assiduidade ou inquietação as matérias inscritas no concurso cuja prova deve de realizar-se ainda esta semana. No Ministério das Colónias não se fala senão no famoso concurso! Concurso muito duro, a-pezar-da sua relativa facilidade, para os homens de quarenta e cinquenta e tal anos. Aquele que ultrapassou essa idade e que deu o melhor de si próprio ao Congo e à administração central, teve que estudar de novo a teoria da matéria, na prática das quais é já mestre. Outro, fracassará depois de ter julgado que a competência do seu saber era indiscutível e considerava-se o "sistem", da administração.

Esperemos que o inventor (há trinta anos no Uele) da ficha para a cobrança do imposto indígena e que deve ter hoje 53 anos, saiba responder à pergunta "quem foi a mulher de João-Sem-Medo", ou terá de dar uma definição que convenha à "lei bronzada",.

(Do *Essor Colonial et Maritime*)

### Nuvem amarela

Dá-se um facto neste momento, que irá provavelmente, no seu desenvolvimento, mudar a fisionomia do mundo. Este facto é a pressão e acção dos japoneses na China. "Que quer V. que isto nos faça? Responderão a esta pergunta os teóricos dos Calés Comerciais. A China está no extremo oposto de nós e o que por ali se passa não nos interessa..

Acontecerá o seguinte: Quando os 400 milhões de chineses estiverem ensinados, formados, dirigidos pelos japoneses, irão pura e simplesmente quintuplicar os meios destes. Primeiro, porque o território chinês encerra recursos de lóda a qualidade, e ainda por explorar senão ignorados. Produzirão proporcionalmente, tanto como os japoneses, os seus mestres; e então, o que hoje ainda é uma invasão nos mercados económicos mundiais, será depois uma inundação, diante da qual os brancos, vão defender-se. Oporão um dique a essa avalanche. Por outro lado os orientais, afogados eles mesmos na super abundância da sua produção, vão esforçar-se por atravessar esse dique.

Daí resultará um conflito que atirará uns de encontro aos outros, não os continentes, as raças! Nesse dia, ai dos vencidos! Pobre da civilização que sucumba!

(Do *Essor Colonial et Maritime*)

### Contra a colonização branca, em África

Os italianos cometem uma falta. É voltar as costas à única solução possível do verdadeiro problema de que deveriam ocupar-se na Europa. Um Império Colonial sedu-los. Criará certas riquezas. Mas não soluciona as dificuldades demográficas. Vejam o Império Britânico: É o mais vasto do mundo; e no entanto, a Inglaterra arrasta atrás dela, dois milhões de desempregados. Vejam a Holanda: Dispõe de magníficas e vastas possessões; e no entanto, a sua população enche o Zuiderzee porque não se alimenta no seu território. Vejam a Bélgica: Tem o Congo; e no entanto, conta com mais habitantes por metro quadrado do que a França. E quantos franceses há em Marrocos? Vinte mil apenas e no entanto é uma terra fértil.

(Do *Temps*)

### As colónias

As colónias não se fazem só com homens. Fazem-se com capitais. Suponhamos que a Itália atinge por completo os seus objectivos, e que pode transformar as ricas províncias da baixa Etiópia em colónias de povoamento... Suponhamos o melhor. Admitamos—em números inverosímis—que instala num dia trezentos mil italianos: Isso resolveria o problema que a absorve? Não. Precisamente o que há de dramático neste caso, é que se está arruinando e que alterou a paz na Europa, por uma ilusão. No mundo moderno, só existe um meio se se quer suprimir o mal de que falamos, é fazer circular as riquezas. O segrêdo está aí. Morremos dum fenómeno vaso-construtor. Ora, porque não circulam as riquezas? A crise, quer dizer, a liquidação das dívidas exageradas de crédito? Certamente. Mas, tudo isso terá um fim. A economia universal, purifica-se.

(Do *Essor Colonial et Maritime*)

### Comunicações rádio-telefónicas com as Colónias

Vão ser finalmente satisfeitas as justas reclamações de todos aqueles que lamentam a falta de comunicações rádio-telefónicas entre a Metrópole e as Colónias.

A Emissora Nacional inaugurada recentemente, na primeira fase do seu plano de realizações, apenas dispôs duma estação de ondas médias cujo alcance não atinge as nossas Colónias. No entanto desde o princípio que estava prevista a instalação da estação imperial de ondas curtas, na segunda fase do plano de realizações.

Como porém seja demorada esta instalação, que deverá satisfazer aos mais modernos requisitos, resolveu a Emissora Nacional, com a aprovação do Governo, instalar desde já uma estação provisória de menor potência, mas perfeitamente audível nas Colónias, Brasil e América do Norte, a qual deverá entrar em serviço por todo o mês de Janeiro.

Esta estação é de fabrico nacional e inteiramente construída nas oficinas da Emissora Nacional.

Entretanto decorrerão os trabalhos para a inauguração, em fins do próximo ano, da grande estação imperial.



# INFORMAÇÕES DO MUNDO COLONIAL

## Crónica do mês Lusófilos

O conflito italo-etíope, como era de esperar, trasladou-se para a Europa. A própria curiosidade ou ânsia que na hora dos primeiros tiros fez esgotar as edições dos jornais, desapareceu quasi completamente. Todos sabem ou, pelo menos, todos sentem que os grandes combates se travam em Genebra.

Quer na primeira fase (africana) quer nesta segunda fase (genebrina) o sentimento português dividiu-se, apaixonadamente como de costume. Primeiro formaram-se duas grandes correntes: a dos italianófilos e a dos abexinófilos.

Neste momento, de-certo porque se viu claramente que os grandes contendores são a Inglaterra e a Itália, as simpatias ou as paixões dividem-se por estes países.

Isto acontece aqui, na Metrópole—e deve acontecer semelhantemente nas oito províncias de além-mar.

É a paixão—não é o bom senso.

E por mais apaixonados que este sol radioso do Sul nos tenha feito eu desejaria que todos nós, perante questões desta natureza, a que estão ligados interesses de Portugal, a que

Portugal não pode ser indiferente, fôssemos exclusivamente portugueses no sentido de apenas nos apaixonarmos pelo que é o interesse português na questão.

Podemos admirar e amar a Itália. A sua obra dos últimos anos, a figura notabilíssima do seu chefe, o seu espírito e a sua acção, são credores duma admiração sincera, objectiva. Podemos nutrir os mesmos sentimentos pela Inglaterra. Podemos ainda alimentar uma forte simpatia por esse povo cioso da sua independência, bravo, aguerrido que é o povo abexim. Podemos enfim concordar ou discordar com certas razões que os bligerantes da África e os combatentes de Genebra invocam.

¿ Mas que nos importa tudo isso perante o sentido dum interesse português na questão?

No conflito actual, porque temos interesses em jôgo não há que tomar partido senão por Portugal e cada um estar onde melhor convier aos destinos e conveniências do país.

Nem pela Inglaterra, nem pela Itália, nem pela Abissínia. Apenas por Portugal e por aqueles que conosco estiverem.

H. G.

---

## Notas do mês

### Cabo Verde

Vai entrar em funcionamento o Grémio dos Comerciantes de Combustíveis de S. Vicente de Cabo Verde, ao qual compeliará a regularização dos preços dos carvões e óleos, a fornecer à navegação.

☛ O governador de Cabo Verde regressou ontem

à cidade da Praia da sua visita a algumas ilhas do arquipélago.

☛ Foi mandado ouvir o Conselho Superior das Colónias sobre o projecto do decreto relativo a uma alteração na pauta aduaneira de Cabo Verde, acérca do Fundo de protecção aos produtores exportadores de tabaco.

☛ O governo de Cabo Verde propôs a abertura de um crédito de 90 contos para as despesas de representação da colónia na Conferência Económica Colonial.

☛ O Governo da colónia publicou uma portaria reduzindo a \$50 por tonelada e \$02 por quillo os impostos,



respectivamente, de saída do sal e peixe seco e em salmoura pelos portos da ilha do Sal.

• Pela Inspeção Escolar da colónia de Cabo Verde foi publicada uma relação dos alunos aprovados nos exames de 1.º e 2.º grau de instrução primária. Conhece-se por êle que foram aprovados no ano de 1935—1.204 alunos, sendo 798 no 1.º e 442 no 2.º grau. O número de aprovações em 1934 foi de 1.002, em 1933 de 829 e em 1932, de 624. Verifica-se, portanto, em 1935 um aumento de 98,7 % sobre o número de exames realizados em 1932.

• Pelo governo de Cabo Verde, foram contratados técnicos para os serviços agrícolas daquele arquipélago, visto o governador querer desenvolver a agricultura nas diversas ilhas.

## Guiné

No Ministério das Colónias, Direcção Geral dos Serviços Centrais, Repartição dos Correios e Telégrafos, está aberto concurso documental, durante o prazo de trinta dias, para o provimento do lugar de radiotelegrafista, contratado, para os serviços dos correios e telégrafos da colónia da Guiné, com o vencimento mensal de 1.266\$66.

• O governo da Guiné, comunicou telegraficamente ao Ministério das Colónias, ter feito o apuramento das contas de exercícios dos anos 1914-15 a 1933-34, sendo os saldos positivos, na importância de 7.185.027\$57 e que em 1 do corrente havia em cofre em numerário 6.712 contos.

• A pedido da Sociedade de Geografia de Lisboa está a proceder-se, na Guiné, a estudos para a confecção do regulamento da mão de obra indígena, o qual será enviado à Sociedade das Nações.

• Foi aberta ao serviço público a estação central telefónica de Bolama.

• Acção missionária — Seguiram no vapor "Guiné", para Bolama o missionário rev. António Ribeiro e as irmãs Maria José Lopes, Olga Amaro, Maria das Neves e Laurinda Nogueira Cunha, todos da ordem dos Franciscanos, para as missões católicas da colónia; e no vapor "Mousinho", com destino a Angola, os missionários rev. Armando Alves Pinto, Álvaro Gomes Silva, João Roland, Pedro Shoonakker e Francisco Sandero.

Em S. Vicente de Cabo Verde, na cidade de Mindelo vai ser construída uma nova igreja.

• O governador da Guiné pediu telegraficamente ao Ministério das Colónias pessoal de agrimensura para proceder ao levantamento topográfico e triangulação das ilhas mais importantes daquela colónia.

• Foram mandadas ouvir as estações competentes acerca do projecto relativo à reorganização das forças militares da colónia da Guiné.

## S. Tomé e Príncipe

Segundo telegrama recebido no Ministério das Colónias, chegou a S. Tomé, de regresso da sua visita oficial à ilha do Príncipe, o governador daquelas duas ilhas.

• Foram encerradas, na colónia de S. Tomé as estações postais do Bom-Bom e Lemos, e abertas, em sua substituição, as estações telegrafo-postais das Almas e da Vila do Caixão Grande.

• O capitão do porto de Ana de Chaves, acompanhado do comandante da polícia de S. Tomé, com algumas praças, aprisionaram nas águas territoriais da ilha um navio norueguês, o "Gun 7", que foi surpreendido a pes-

car. Como a legação da Noruega em Lisboa tivesse enviado imediatamente ao governo da Colónia de S. Tomé e Príncipe a caução de 750 libras, para que o processo seguisse os seus trâmites, sem o "Gun 7", ficar retido no porto, este navio foi então autorizado a seguir viagem.

• O governador de S. Tomé embarcou em visita oficial à ilha do Príncipe donde regressou em 3 de Dezembro.

• Realizaram-se nos dias 17 e 18 do corrente, várias festas no sítio do Caixão Grande, destinando-se o produto das mesmas, a fardar os polícias rurais e organizar uma Escola Móvel, para instrução aos mesmos e suas famílias. Foi inaugurado um posto telefónico e agradou bastante o programa de festejos, que compreendeu uma tombola, representações teatrais por um grupo de amadores e bailes regionais.

## Angola

Por iniciativa do Bispado de Angola e Congo está sendo construído nos subúrbios de Loanda um conjunto de edifícios destinados à instalação da Missão Católica de S. Paulo de Assunção de Loanda. Compreende três pavilhões e uma igreja. Um dos pavilhões destina-se a habitação de irmãs da caridade, servindo a parte térrea para funcionamento dum hospital, maternidade, "gôta de leite", e escola de sexo feminino; outro dos pavilhões para habitação dos missionários do sexo masculino, utilizando-se a parte térrea na instalação de oficinas; no terceiro pavilhão funcionará a escola de sexo masculino. O pessoal missionário é fornecido pela Congregação do Espírito Santo. As obras estão orçadas em 1.080 contos.

• Foram nomeados vogais da Junta de Defesa da Produção e do Comércio, os srs. capitão Jorge Figueiredo de Barros e António Correia de Freitas, o primeiro como representante da Agricultura e o segundo do Comércio.

• O Governo Geral da colónia concedeu autorização a Augusto Pedro Aparício para a montagem duma fábrica de cerâmica em Quifandongo, subúrbios de Loanda; a João da Cruz Silva, para a montagem dum depósito de carvão, em Mossâmedes; a Nunes & Barreiro, Ltd., para instalação duma fábrica de cal e tijolo, nos subúrbios de Mossâmedes.

• Dum reconhecimento feito pelo sr. engenheiro Freitas, sobre a irrigação dos terrenos do Cavaco conclue-se que o aproveitamento do caudal deste rio apenas chegaria para a irrigação de cerca de quatro mil hectares o que se considera insuficiente para a irrigação de toda a área aproveitável dos terrenos circunvisinhos de Benguela.

Em consequência desta conclusão, o sr. engenheiro Freitas prossegue nos seus estudos, quanto ao aproveitamento do caudal do alto Catumbela, para que o manancial do Cavaco possa ser aumentado suficientemente.

• O "Boletim Oficial", de Angola publicou um diploma legislativo mandando aplicar nas despesas a fazer — nas províncias de Loanda e de Malange — com o fornecimento e distribuição de sementes a agricultores europeus e indígenas, compreendendo sua aquisição, embalagem, transporte e outros encargos inerentes, a quantia de cem mil angolares, posta à disposição do Governo Geral da colónia, pela Associação Comercial de Loanda, que quis por esta forma, prestar auxílio aos colonos atingidos pela praga acridiana.

• O município de Vila Salazar está promovendo a instalação duma central eléctrica e respectiva rede de distribuição do cabo subterrâneo para a instalação de luz em toda a cidade.



❖ Está aberto concurso documental para o provimento de duas vagas de farmacêutico no quadro de saúde da colónia de Angola, devendo os requerimentos dar entrada na Secretaria Geral do Ministério das Colónias.

❖ Noticiámos, há dias, que o Caminho de Ferro de Benguela tinha reduzido as suas tarifas de transporte de conservas, na intenção de facilitar a sua introdução no Congo Belga. Foram também reduzidas as tarifas para a cêra em bruto, limpa ou não, a 25\$00 ouro, (máximo de cobrança) por tonelada, qualquer que seja a distância; couros salgados, 16\$00 ouro por tonelada (máximo de cobrança) seja qual for a distância; e tecidos de algodão, lã, linho ou N. D., a 33\$50 ouro (máximo de cobrança) qualquer que seja também a distância. Esta baixa de transporte visa atrair mais tráfego, evitar a concorrência da camionagem e satisfazer aspirações do comércio importador e exportador.

❖ O "Diário do Governo," publicou o acórdão proferido pelo Conselho Superior de Disciplina das Colónias no processo de organização do quadro do pessoal administrativo da colónia de Angola.

❖ Estão sendo feitas com tóda a regularidade as obras de aformosoamento da cidade de Loanda. O estado sanitário da cidade também melhorou em resultado dos trabalhos das brigadas dirigidas por médicos.

❖ Foram mandados construir em vários pontos do interior de Angola pavilhões sanitários para indígenas.

❖ De Angola recebeu-se nova comunicação de que as culturas em vários pontos da colónia estão sendo assoladas pela praga dos gafanhotos.

❖ Vai-se proceder ao abastecimento da água potável, na região de Amboim.

❖ O sr. Ministro das Colónias aprovou o crédito pedido pelo governador geral de Angola para o combate aos gafanhotos, que estão causando enormíssimos prejuízos à agricultura, para o que vão organizar-se brigadas de combate a esses terríveis acrídios dirigidas por técnicos.

❖ O governo de Angola, vai mandar concluir a ligação ferroviária com o Dande, e proceder ao estudo para o prolongamento dessa linha até aos Dembos.

❖ O governo geral de Angola, louvou o 2.º tenente sr. Francisco Rodrigues Semão, delegado marítimo do Zaire, pelos valiosos serviços prestados à Missão Hidrográfica do Zaire, e pelos relevantes serviços prestados no desempenho do seu cargo.

❖ Vai ser aberto concurso no Ministério das Colónias, para o preenchimento de duas vagas de farmacêuticos, em Angola.

❖ O governo de Angola, segundo um telegrama, ordenou que só fôsse permitido o embarque para a metrópole de gado em boas condições de alojamento e de sanidade.

Por portaria do governo geral, publicada no "Boletim Oficial," foi concedida à direcção das missões católicas isenção de direitos e impostos para medicamentos, cimento e outros materiais de construção destinados à missão do Bailundo e igrejas de Cabinda e Maiombe.

❖ O "Boletim Oficial," de Angola publicou um diploma que determina que, observadas as disposições legais, as estações telégrafo-postais onde haja telefone, e os postos telefónicos dos Serviços Administrativos, de Saúde, de Pecuária e das missões subordinadas à Direcção das Missões Católicas Portuguesas sejam considerados postos públicos, e estabelece os serviços especiais internos de telegramas-cartas, telegramas de boas-festas e felicitações.

❖ Em vista do grande movimento hospitalar, nos últimos tempos, no hospital de Quelimane, foi proposta a construção de novas enfermarias e de um pavilhão para

doenças infecciosas, assim como a aquisição dos aparelhos indispensáveis para análises clínicas e instrumentos cirúrgicos para operações.

❖ O governo de Angola pede a solução da proposta feita em tempos, para a instalação da moagem na aquela colónia, dispensando assim a importação de farinhas.

❖ Alguns industriais de Angola reclamam contra a concorrência que lhe fazem as missões religiosas.

❖ Por falla de tráfego a direcção do Caminho de Ferro de Loanda resolveu suprimir dois combóios semanais e avisou os interessados de que, provavelmente, teria de suprimir também um combóio semanal de passageiros.

❖ Foi nomeado o dr. António Augusto Aires, médico-veterinário da colónia de Moçambique - chefe da Repartição Técnica dos Serviços de Veterinária e Pecuária da colónia de Angola, lugar vago pela colocação, por portaria de 18 de Janeiro de 1985, do dr. Artur Elviro de Moura Coutinho de Almeida de Eça no lugar de director dos serviços de veterinária e pecuária da colónia de Moçambique.

❖ Foi mandado proceder ao estudo e orçamento da construção dum caminho de ferro destinado a valorizar as terras ubérrimas dos Dembos e do Encoge.

❖ Segundo notícias telegráficas recebidas de Loanda sabe-se que uma praga de gafanhotos destruiu grande parte da colheita do café, na região de Dalatando, e causou ainda outros prejuízos na agricultura.

❖ O sr. Governador Geral de Angola comunicou que vai enviar para Lisboa, para serem submetidos à aprovação do sr. Ministro das Colónias alguns projectos de diplomas legislativos, aprovados na conferência dos governadores. Entre outros conta-se um relativo à rede de estradas e construção de linhas férreas nas principais regiões da colónia, necessitadas de comunicações ferroviárias.

❖ Também em Angola, o 25.º aniversário da República foi comemorado com uma recepção oficial, muito concorrida, promovida pelo Governador Geral da Colónia. A guarda de honra na cerimónia foi prestada pelas Indígenas de Loanda: Corpos de Polícia e 1.ª Companhia Indígena de Infantaria. O sr. coronel Lopes Mateus enviou ao sr. Presidente da República o seguinte telegrama:

"Na solene comemoração do vigésimo quinto aniversário da proclamação da República recebi os cumprimentos e homenagens Colónia saudando Nação na ilustre pessoa de Vossa Excelência como seu primeiro Magistrado ponto para brilho e grandeza da Nação Portuguesa sincera e fervorosamente desejamos a V. Ex.ª as maiores prosperidades.

❖ Seguiram para o Congo e Zaire o engenheiro sr. Barros Queirós e o botânico sr. John Gossweiler, encarregados de percorrer algumas circunscrições daqueles distritos, onde a Direcção dos Serviços de Agricultura pretende desenvolver, entre os indígenas a cultura do algodão. Para êsse efeito, foram preparadas cerca de 300 toneladas de sementes de algodão que devem ser distribuídas, depois da visita daqueles dois funcionários, pelas circunscrições do Damba, S. Salvador, Ambriz, Ambrizet, e talvez Sansa Pombo e Maquela, consoante a qualidade dos terrenos.

❖ Até 30 de Agosto findo o Fundo de Assistência aos Sinistrados da Praga dos Gafanhotos indeferiu 137 requerimentos de diversos agricultores solicitando empréstimos. O montante dêsses pedidos ascende a 3.858.904,40.

❖ Vão ser reorganizados os serviços de fazenda, Obras Públicas e Caminhos de ferro de Angola. Os estudos estão sendo feitos pelo governador geral.

❖ Em Angola foram organizadas brigadas sanitárias para saneamento da cidade de Loanda, atacando-se todos



os focos de infecção, bem como noutras cidades da colónia.

• Vão ser construídas em vários pontos da colónia de Angola, valas de irrigação, para o desenvolvimento da agricultura da colónia.

• Por iniciativa do sr. governador da Província da Huíla foi constituída em Sá da Bandeira uma comissão de agricultores e moageiros de trigo, para estudar soluções acerca da presente colheita do trigo na colónia, dadas as apreensões quanto à colocação do que fôr produzido. Essa comissão, que funciona sob a presidência do sr. capitão Carlos Afonso dos Santos, ficou composta pelos srs.: João Ricardo e Manuel Pinto Miranda, pelos produtores de trigo; João Fernandes dos Santos, pelo Sindicato Agrícola; Venâncio Guimarães, Sobrinho, pelos industriais da moagem; Pedro Tavares, pelo comércio; Manuel da Costa Ruivo, pela Associação Comercial; Alfredo dos Santos Viegas, pelos industriais de padaria; dr. Alfredo Lobo das Neves, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal; e Herbert de Azevedo, administrador do concelho.

É provável que a esta comissão sejam agregados representantes dos organismos económicos de Mossâmedes e do planalto de Benguela.

• O governo de Angola, está empenhado em que a construção do porto de Loanda, se inicie o mais breve possível.

O projecto e respectivo orçamento foram já aprovados. Proceder-se-á também no apetrechamento do porto

• Algumas campanhas de pescadores, vão estabelecer-se na Bia Farta em Angola, onde abunda a pescaria.

• O Conselho Superior das Colónias negou provimento a um recurso interpôsto pela Companhia do Quanza Sul, com sede em Pôrto Amboim, Angola, por não concordar com a sua colecta industrial, alegando que só de agricultura se ocupa.

O Conselho fundamentou a sua resolução argumentando que "a recorrente exerce em Angola actividades que estão sujeitas a incidência da contribuição industrial. Mesmo que só a agricultura exercesse, não ficaria isenta da contribuição industrial, que incide sobre indústrias... No acórdão são transcritos os objectivos sociais da Companhia do Quanza Sul constantes dos seus estatutos, onde se conhece que pode exercer, além da agricultura, indústrias subsidiárias e exercer o comércio geral. A colecta foi de 28.840\$00, para um capital social de dois mil contos.

• Foi autorizado o governador geral de Angola a abrir um crédito especial de 70.000.00 angolares, destinados a custear as despesas com a reparação da draga "Lobito", dos serviços dos portos e caminhos de ferro da colónia, atendendo a que a conta do exercício da colónia, relativa ao ano de 1933-1934, foi encerrada com um saldo positivo de 7.504.000.00 angolares.

• Devia ter sido inaugurado em Lcanda, por ocasião do aniversário do armistício da Grande Guerra, no cemitério do Alto das Cruzes, o "ossário dos combatentes da Grande Guerra", construído pela Câmara Municipal. Tem 216 gavetas.

• Por informações oficiais recebidas no Ministério das Colónias, sabe-se que diminuiu muito em Angola a praga dos gafanhotos tudo levando a crer que a situação melhorará consideravelmente, no próximo ano. A grande maioria das colheitas pode considerar-se salva.

• Na primeira Conferência Económica do Império Colonial, a realizar-se em Março, será tratado o regime aduaneiro da bacia convencional do Zaire, de modo a satisfazer as justas aspirações formuladas por vários organismos.

• A Associação Beneficente dos Empregados do

Comércio de Loanda foi autorizada a contratar, com o Banco de Angola, um empréstimo de 400.000 angolares, para continuação das obras de construção da sua sede.

• Ampliando a notícia que demos acerca da autorização concedida pelo Governo à Empresa dos Tabacos de Angola, com sede em Loanda, informamos que, a referida operação compreende 40.700 obrigações no valor nominal de 100.00 cada uma, em títulos de 1, 5, 10 e 50 obrigações, amortizáveis a partir de 1938.

• Em virtude da conclusão do inquérito à Caixa Económica Postal de Angola, ordenado em Abril último, depender dum minucioso exame pericial à sua escrita, para realizar o qual é necessário um longo prazo, o Governo Geral autorizou que fosse prorrogado o prazo para essa conclusão até 30 de Junho de 1936.

• O sr. Governador Geral, depois de ter assistido à inauguração da Exposição Regional, organizada em Nova Lisboa, visitou o Moxico, voltando a Silva Pôrto. Daí seguiu para Malange, pelo Andulo, tendo depois regressado à capital. O sr. coronel Lopes Mateus projecta ainda este ano fazer uma viagem ao Norte da colónia compreendendo o Enclave de Cabinda.

• Reabriram ao serviço telegráfico as estações rádio-telegráficas de Vila Pereira de Eça, Sá da Bandeira, Malange, Vila Luso, Nova Lisboa, Bié e Benguela, e ao serviço que puderem prestar as estações telegrafo-postais de Ngage e do posto administrativo "31 de Janeiro", da circunscrição da Damba.

• Foi fixada em 110\$00 por cada passaporte, guia ou licença de saída para os portos nacionais ou estrangeiros, a taxa de emigração de colonos ou indígenas daquela colónia, quaisquer que sejam o seu destino e a aplicação da sua actividade.

• Os funcionários de Angola agradeceram ao sr. Ministro das Colónias as providências que ordenou para que fôssem pagos os seus vencimentos em atraso.

• Por sentença proferida no Juízo de Direito da comarca de Huambo, foi mandado anular o processo, desde a pronúncia, inclusivé, por deficiência de prova - instaurado contra Ernesto Viseu Pinheiro e o ex-capitão José Agostinho Fernandes da Costa, acusados de terem, há cerca de dois anos, feito desaparecer a escrituração de alguns meses da extinta "Brigada de estudos das estradas de Angola", organizada na Metrópole. A acusação atingia alcance de fundos pertencentes à mesma Brigada. Os acusados foram postos em liberdade.

• Os exportadores de milho angolano conseguiram colocar recentemente em mercados estrangeiros 3.000 toneladas deste cereal, que seguiram no vapor Cabo Verde, 6.000 no Funchal, que embarcaram no Ganda, e esperam, embora sujeito a rateio, enviar mais 4.000 toneladas para a Metrópole.

• No Palácio do Comércio de Benguela, reuniram os comerciantes e exportadores de gado da região com o fim de apreciar, discutir e tratar junto do Governo, da importante questão da exportação do gado de Angola, e dum contracto de fornecimento para Lisboa que a Câmara Municipal da capital metropolitana firmou com seis casas exportadoras de Angola, como seus únicos fornecedores. Foi nomeada uma comissão que do assunto está tratando.

• Os vencimentos do director da Casa da Metrópole, em Loanda, foram fixados em 48 contos anuais, sendo de categoria, 15.222\$00 e gratificação especial, 32.778\$00.

• Promovida pelo sr. Governador Geral, teve lugar, nos salões do residência oficial, uma importante reunião de senhoras residentes em Loanda para nesta cidade ser organizado um "Instituto de assistência às crianças in-



dígenas,, com delegações por toda a colónia. Em seguida à conferência, Madame Lopes Mateus, ofereceu um chá às numerosas senhoras que acorreram à convocação.

• O Governo da Colónia adquiriu 4 reprodutores bovinos de raça "Hereford,, no intuito de melhorar a raça indígena.

Na Vila Nova de Seles, foi organizada uma comissão composta pelo administrador local, delegado de saúde e um comerciante da localidade, que procura obter donativos para a conclusão duma igreja, cujas obras já vão bastante adiantadas.

• A exemplo do procedimento do C. F. de Benguela, a direcção do Caminho de Ferro de Loanda também reduziu algumas das suas tarifas, com o mesmo fim de atrair mais tráfego e defender-se da concorrência da camionagem. Sofreram redução de 25 % e de 20 % as tarifas de mercadorias que normalmente a camionagem transportava do litoral para o interior. No sentido descendente manifestou-se a redução no transporte da cêra, (que de 311,00 angolares por tonelada passou para 250,00) das farinhas e ramas de açúcar, que pagam agora à base da tarifa aplicada ao milgo, do sisal, etc.

• O "Diário do Governo,, publicou um extenso e importante acórdão, proferido pelo Conselho Superior da Disciplina das Colónias, no processo de organização da quadro do pessoal administrativo da colónia de Angola.

• Por ter sido iniciada em toda a Colónia, a escola de recrutas de 1935, foi suspensa a instrução militar que vinha sendo ministrada aos domingos aos colonos que voluntariamente assim o desejaram, com excepção da instrução de tiro de espingarda, nas carreiras de tiro.

• Pela Repartição de Obras Públicas e Minas da colónia foram passados alvarás autorizando Joaquim Augusto Monteiro a instalar uma tipografia em Mossâmedes; e a Sociedade de Pescarias do Oeste a montar uma fábrica de guanos e óleos de peixe em Mossâmedes.

• O sr. dr. Frich Obst, lente da Universidade de Hannover, chefe da Missão científica Geo-Morfológica, que esteve a proceder a vários estudos em Angola, oficiou às estações competentes a agradecer as facilidades que dispensaram as autoridades coloniais.

Segundo notícias recebidas de Moçambique, têm sido ultimamente contratados grande número de indígenas ao sul do Save, para as minas do Rand.

• O sr. Governador Geral de Angola comunicou ao Ministério das Colónias que encarregou os serviços de Obras Públicas da colónia de estudar os traçados das estradas que ligarão Loanda ao Dondo, Ambriz, Dembos, Nambuangongo, Caxito, Uige-Quitexi, etc.

• Está sendo elaborado um novo regulamento sobre camionagem em Angola.

• Vai ser criado o lugar de contador privativo do Tribunal Administrativo de Angola.

• Pela Repartição Central dos serviços de Obras Públicas e Minas da colónia de Angola foi autorizada a instalar uma fábrica de desfiamento de sisal, em Cacuzo a Empresa de Plantações Mocuzo.

• A "Casa da Metrópole,, em Loanda já começou a funcionar, provisoriamente instalada numa casa alugada na Avenida do Hospital.

• Vai ser iniciada em Nova Lisboa, a instalação da luz eléctrica na parte alta da cidade, devendo a iluminação pública da avenida Norton de Matos dar outra animação noturna a esta linda artéria.

• Foi dissolvida em Angola, por uma portaria do Governo Geral, a Comissão Executiva do padrão da grande guerra de Loanda, tendo sido louvada pelos serviços que prestou. A mesma portaria nomeia uma comis-

são liquidatária para ajuste completo de contas das obras do monumento. O arquivo foi entregue à agência em Loanda da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

• A Empresa Agrícola de Chimbate, Ltd., do Cubal, apresentou na Exposição realizada recentemente em Nova Lisboa e, de que fizemos larga referência, um pavilhão todo revestido com folhas e produtos extraídos da "ramie,, valiosa planta textil que se desenvolve muitíssimo na propriedade daquela Empresa, e da qual se extrai uma fibra sedosa e resistente de apreciada qualidade. Foram fornecidas amostras a alguns técnicos que se interessam pelo estudo da sua aplicação e provável exportação.

• O governo de Angola vai propor ao governo central as medidas julgadas convenientes, com respeito à cultura do algodão e sua exportação e colocação nos mercados, de forma que os interesses dos agricultores do algodão, fiquem devidamente assegurados.

• Como em tempos dissemos, o Governo Geral de Angola tenciona criar, nos principais centros agrícolas daquela colónia, Sindicatos Agrícolas, tendo mandado elaborar, pelas estações competentes, os respectivos projectos, bem como escolas práticas de agricultura, com secções de pomicultura e pecuária, e também escolas de Artes e Offícios para os filhos de europeus e crianças assimiladas e indígenas.

• Foi louvado pelo Governo Geral de Angola o 1.º Sargento músico José Vicente Lopes Júnior, regente da Banda de Música da 1.ª Companhia Indígena de Infantaria, que por duas vezes veio à Metrópole, tendo prestado excelentes serviços de cooperação na 1.ª Exposição Colonial do Porto. O referido regente, logo que regressou a Angola, conseguiu organizar um orfeão com praças da Companhia, semelhante ao que a população da Metrópole teve ocasião de ouvir constituído por soldados landins de Moçambique.

## Moçambique

Foi deferido o requerimento da Missão inglesa em Maciene, Gaza, para ocupar um terreno destinado à construção de uma escola, para ambos os sexos.

• Em edição oficial, foi publicado, em apenso ao Boletim Económico e Estatístico, de Maio de 1934, o "Boletim Mensal das observações meteorológicas feitas nos postos da Colónia,, organizado pelo Observatório Campos Rodrigues.

• Está sendo revisto o regulamento referente à classificação e exportação de sementes de Girassol, em vigor na Companhia de Moçambique. O respectivo parecer vai ser submetido à aprovação do sr. Ministro das Colónias.

• Fundeou em meados de Setembro, no porto da Beira, pela primeira vez, o navio "Imperial Star,, que inaugurou o serviço quinzenal da Blue Star Line, da Inglaterra para a Austrália pela África do Sul e Oriental. Comemorando a inauguração da carreira o capitão do "Imperial Star,, ofereceu um almôço a bordo do seu navio ao Governador do Território, a que assistiram outras individualidades.

• Prosseguem activamente os trabalhos de construção da Central Eléctrica e Oficinas dos Caminhos de Ferro, em Nampula.

• O porto de Lourenço Marques vai ter um novo rebocador, acabado de encomendar a uma firma de Southampton. O novo barco, que será entregue ainda antes do fim do corrente ano, terá 41 pés de comprimento, e será um dos primeiros rebocadores movidos a motor fornecidos para portos do Sul de Africa.



Devido a circunstâncias de varia ordem, um grande número de mutuários da Junta de Crédito Agrícola e da Caixa Económica Postal não tem podido cumprir as obrigações que assumiu nos respectivos contratos, pelo que aquelas instituições, para se compensarem, tanto quanto possível, dos seus créditos, têm-se visto obrigadas a arrematar nas respectivas execuções os imobiliários.

Vai ser aberto concurso para professoras do Liceu de Lourenço Marques, de segundo, quinto e oitavo grupos. Podem concorrer as senhoras que possuam o exame de Estado e estejam no quadro dos liceus.

Foi registada em Inhambane a presença dum pesquisador de petróleo, o sr. dr. Beyer, acompanhado de dois ajudantes, que instalou algumas máquinas de perfuração. O resultado do seu trabalho é aguardado com muito interesse. Os primeiros pesquisadores, que eram chefiados pelo sr. Hundt, já abandonaram os seus trabalhos.

Vão em muito bom andamento os trabalhos do Caminho de Ferro do Limpopo. O primeiro trço (Estação de Magude—Rio Incomati) encontra-se concluído, achando-se em construção o segundo trço e devendo começar muito brevemente os trabalhos da ponte. As terraplanagens vão já até ao quilómetro 142, ou seja até ao quilómetro 15 da linha do Limpopo. Têm-se feito muitos e grandes aterros, que nalguns pontos atingem mais de 15 metros.

O segundo trço agora em construção e que parte da margem do rio, junto à séde da Administração de Magude, começa por uma trincheira em rocha de 8 metros de altura. Estão actualmente trabalhando na brigada cêrca de 1.300 indígenas, todos voluntários, e 32 europeus.

Vão ser reorganizados os serviços pecuários da colónia de Moçambique, no intuito de se promover o desenvolvimento pecuário na colónia, bem como o da exportação de carnes congeladas.

O município de Lourenço Marques ocupou-se, recentemente, numa das suas sessões, da construção dum "bairro para indígenas", dotado de tôdas as disposições higiénicas, nos suburbios da cidade.

A direcção dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques resolveu proceder à montagem da sinalização eléctrica de linha de Ressano Garcia. Foi encarregada a firma local Breynner & Wirth, Ltd. de a fazer, estando a proceder aos respectivos estudos o engenheiro Tutein, da Casa Siemens

Na província do Niassa foi aberta ao serviço público uma estação telégrafo postal em Namira, estação do caminho de ferro do mesmo nome, distrito de Moçambique.

O Governô da colónia aprovou o regulamento da Caixa Económica anexa à Caixa de Previdência de Moçambique.

Foi autorizada a Direcção dos Serviços de Fazenda a mandar sobretaxar na Imprensa Nacional de Lourenço Marques 535:125 estampilhas do imposto do selo da taxa de \$40, com a taxa de \$30.

A junta local de Inhambane foi autorizada, pelo governô da colónia, a reduzir os preços do fornecimento de água e energia eléctrica.

Foi aberto um crédito extraordinário de 250 mil escudos para pagamento das despesas a realizar com a campanha contra os gafanhotos em Moçambique.

O governô de Moçambique comunicou ter-se realizado a eleição para vogais da Câmara Municipal da Beira, tendo sido eleitos por sufrágio, efectivos os srs. Alfredo Graça e Xavier Rey, suplentes Alves Ribeiro e Afonso Henriques Almeida, e pelas Associações efectivos

Lourenço Duarte Canhão e Caetano Lopes e suplentes Tomé de Jesus Fernandes e Francisco António Apolinário.

O governô de Moçambique pede que seja nomeado professor do liceu de Lourenço Marques o professor classificado em 2.º lugar no concurso, visto o classificado em primeiro lugar ter sido demittido

O "Arizona Maru," trouxe para Lourenço Marques do Brasil e da Argentina 124 toneladas de café e carnes em conserva, tendo recebido um carregamento de 144 toneladas de minério que se destinam ao Japão.

O governô de Moçambique concedeu licença para ocupação dum terreno situado na margem direita do rio Maputo, destinado à construção e exploração de salinas.

Foi constituída na Beira, tendo já sido aprovados os seus estatutos, uma associação com o fim de conservar, defender e propagar a religião maometana, a qual se denomina British Indian Mahomedan Association.

Foi aberto um crédito de 40 contos destinado ao pagamento das despesas com o tratamento hospitalar na Metrópole de officiais e praças dos quadros da colónia.

Informa o "South Africa," que na intenção de comemorar a recente inauguração da mala aérea no território sob a administração da Companhia de Moçambique, vão ser emitidos dez selos triangulares comemorativos. Os selos representam um aeroplano voando sobre a Beira, com as montanhas dos Libombos ao longe, no horizonte distante, através das planícies.

Pela Repartição de Agricultura, foi publicado o seguinte resumo do comunicado, referente ao mês de Setembro último: "O norte continua por enquanto livre de gafanhotos. Na Zambézia o movimento continua, voando aos bandos umas vezes num sentido, outras noutro, sem haver uma direcção resultante certa. Na Província do Sul do Save, é nas proximidades das margens do Limpopo que há maior número de bandos assim como na região costeira do distrito de Inhambane. Na Circunscrição do Maputo só um enxame foi nolado junto da fronteira de Caluane."

O governô de Moçambique, propôs a renovação do contrato de nomeação de alguns funcionários de Fazenda.

A Câmara Municipal da Beira abriu concurso, pezo prazo de 90 dias, para provimento do lugar de superintendente da Central Eléctrica da Câmara.

Foram temporariamente encerradas as estações telégrafos-postais de Metuge e Mucojo, no distrito de Pôrto Amélia.

Os jornais de Moçambique divulgaram que uma brigada de estudos dos Caminhos de Ferro encontrou no rio Monapo, a cêrca de dez quilómetros de Nampula, processo de construir uma pequena barragem que permita a captação de água suficiente para o abastecimento da vila de Nampula, séde da circunscrição do mesmo nome.

O "Boletim Oficial," da colónia publicou uma portaria mandando reservar para uso exclusivo dos indígenas, um terreno situado na margem esquerda do rio Incomati, na circunscrição de Maracuene.

O sr. capitão-tenente Quintanilha, que vem há tempo dirigindo importantes trabalhos hidrográficos no pôsto de Quelimane, descobriu um excelente canal que dá entrada e saída, sem dificuldade, a navios com mais de 2.000 toneladas.

A precisar-se esta facilidade, esta circunstância pode influir bastante no futuro do pôrto de Quelimane, que serve, como é conhecido, a região do interior compreendendo o território atravessado pelo caminho de ferro do mesmo nome (que recebeu recentemente, como aqui



noticiámos, um importante reforço de material fixo), tóda a região sóbre a margem esquerda do rio Zambeze e ainda o Nyassaland inglês. Em vista da grande distância da fronteira até ao terminus do caminho de ferro, os produtos do Nyassaland, especialmente chá e tabaco de grandes plantações naquele território, são transportados por serviços de camionagem automóvel particular, até ao pôrto de Quelimane. Em vista das suas relações comerciais serem pouco numerosas e ainda em virtude da sua exportação estar limitada ao açúcar, oliaginosas e sical, o seu movimento não é ainda grande—cêrca de 30.000 toneladas de mercadorias importadas e exportadas.

❖ O govêrno de Moçambique vai elaborar um projecto relativo à fixação de vencimentos e outros assuntos respeitantes aos funcionários, que submeterá à apreciação do Conselho do Govêrno da colónia e em seguida à aprovação do sr. Ministro das Colónias.

❖ O saldo do fundo cambial em 1 de Outubro último era de £ 750.795, dado que o balancete relativo ao mês de Setembro, apresenta os seguintes números. Saldo do Agosto, 733.371; Importância entradas, £ 242.220; Autorização concedidas, £ 224.796.

❖ Por determinação do governador do território de Mnica e Sofala foram postos em circulação, no mesmo território, no princípio d'êste mês, os novos selos especiais para franquia da correspondência por avião, de taxas que vão de \$05 a 20\$00 escudos.

❖ Como dissemos, o sr. Ministro das Colónias autorizou o Govêrno de Moçambique a promulgar um diploma regulamentando e efectivando a incorporação dos europeus nascidos e residentes na colónia e que estejam na idade de prestar o serviço militar.

❖ O referido diploma é da mais alta importância pois permite preparar elementos de valor para, em caso de mobilização, preencher os respectivos quadros.

❖ O sr. Ministro das Colónias enviou ao governador geral de Moçambique um telegrama dizendo que se associava à homenagem que Lourenço Marques prestava aos heróis da defesa da colónia de Moçambique.

❖ O sr. governador geral respondeu agradecendo em seu nome e no da colónia o telegrama, e comunicou que a cerimónia da inauguração do Padrão aos Mortos da Grande Guerra decorreu com o maior brilho e solenidade, assistindo milhares de pessoas.

❖ Segundo notícias recebidas de Moçambique, têm sido ultimamente contratados numerosos indígenas do sul do Save para as minas do Rand.

❖ O projecto relativo à criação de uma escola Normal em Lourenço Marques vai ser submetido à apreciação do Govêrno Central

❖ À semelhança do que se faz na Europa a Beira Railway Company acaba de adoptar tarifas especiais de "fim de semana," para passageiros, entre a Beira e Umtali e vice-versa. Os passageiros da Beira podem partir pelo comboio de sexta-feira ou sábado e regressar pelo comboio de segunda ou terça-feira seguinte.

❖ Segundo foi anunciado e em virtude dos contratos recentemente assinados entre os governos português e inglês, vão ser modificados os itinerários do serviço aéreo para a África do Sul, de que beneficiam as cidades mais importantes de Moçambique. A viagem bi-semanal, será assegurada por hidro-aviões, via Egipto e Sudão, a Kisma, e via Mombaça, Dai-es-Salaam, Moçambique, Beira e Lourenço Marques, a Durban, Espera-se que o tempo, entre Londres e Durban, fique reduzido a quatro dias. Estabelecer-se-ão serviços de ligação, mediante aeroplanos, entre Kenia, Tanganika do Norte e do Sul e Nyassalândia.

❖ Foram aprovados os estatutos da sociedade comercial Vacuum Oil Company of South Africa Limited, com sede na cidade do Cabo, a fim de poder exercer a sua actividade na colónia de Moçambique. A portaria ministerial que autorizou o estabelecimento da Companhia, condiciona-a aos usos comuns exigidos aos organismos estrangeiros nestes casos—sujeição às leis, autoridades e tribunats portugueses; aquisição de bens imobiliários para os seus fins sociais nos termos da legislação aplicável às sociedades anónimas nacionais; proibição de emitir obrigações, aumentar ou reduzir o capital social ou alterar os estatutos sem prévia autorização do Govêrno Português.

❖ Foi publicado um decreto, autorizando o governador geral de Moçambique a abrir, com as formalidades legais, no ano económico corrente, um crédito especial da importância necessária para o pagamento da dívida, de 1.349.483\$17, da colónia de Cabo Verde, a que se refere o decreto n.º 21.686, de 24 de Setembro de 1932, e dos respectivos juros contados até à data em que esse pagamento se realizar, utilizando para contrapartida igual importância a saír do excesso da receita arrecadada, em relação à previsão, no ano económico de 1934-1935.

❖ O govêrno de Moçambique comunicou que vão ser criadas naquela colónia trinta escolas de ensino rudimentar, nas províncias da Zambezia e Nyassa, com professores indígenas.

❖ Vai ser aberto concurso para professor efectivo do liceu de Lourenço Marques, para o preenchimento de uma vaga no primeiro grupo.

❖ Por determinação do sr. Ministro das Colónias vai ser aberto concurso perante a Direcção Geral do Ensino Secundário para três lugares de professores effectivos do Liceu de Lourenço Marques (2.º e 8.º grupos).

❖ Foi autorizado o governador geral de Moçambique a abrir um crédito especial para pagamento da dívida da colónia de Cabo Verde.

❖ Foi pedido o registo de alguns jazigos na colónia de Moçambique, que haviam sido descobertos, por uns engenheiros e mineiros. Os jazigos são de ouro, mica, escura, branca e vermelha, cobre, antracite, volfrâmio e calcite.

❖ Está sendo estudado nas instâncias officiais o projecto dos estatutos dum Montepio de Moçambique, no qual se pretende que sejam fundidos todos os organismos congêneres existentes na colónia.

❖ Na Associação dos Velhos Colonos de Moçambique realizaram-se várias reuniões de pessoas interessadas na organização dum Núcleo de Belas Artes, que têm por fim proteger as manifestações artisticas locais.

❖ Ao Govêrno Geral foi enviado, para aprovação, um projecto de estatutos para oficializar a nova colectividade,

❖ O govêrno de Moçambique enviou ao Ministério das Colónias, a quantia de 1.200 contos para pagamento dos encargos da colónia na metrópole.

❖ Estão já em funcionamento os oito guindastes modernos com que foi apetrechado o porto de Lourenço Marques, a cuja instalação oportunamente nos referimos. As experiências deram o melhor resultado.

Cada guindaste novo, que são de rápido manejo e para 3 toneladas, ficou instalado no intervalo dos guindastes já montados e em utilização. O apetrechamento dos cais do florescente porto de Lourenço Marques melhorou consideravelmente com êste melhoramento, como é de presumir.

❖ A estrada que há-de ligar a Beira a Urema já atingiu Inhaminga e deve estar concluída dentro de poucos meses.

❖ Tratando de assuntos de turismo, esteve em Lou-



renço Marques o Secretário Geral da Automobile Association of S. A., sr. Freudenberg, que foi de Johannesburg em automóvel, a convite do Automóvel Club de Portugal. Foram focados vários problemas que interessam ao Turismo e Automobilismo nos territórios de Moçambique e África do Sul.

## Índia

Conforme em tempos noticiámos, foi extinto no Estado da Índia o imposto de trabalho gratuito, sendo substituído por um adicional às taxas de cais em vigor nos portos de Goa, mas tornado extensivo a todos os portos da colónia.

• Foi autorizado a aumentar o número de escolas primárias naquele Estado, propôs o aumento de 20 professores no respectivo quadro.

• Foi autorizada a Câmara Municipal das Ilhas a elevar o empréstimo de 110 mil rupias, contraído com a Caixa Económica Postal.

• O Governo do Estado da Índia publicou um diploma provando as regras para a classificação dos terrenos de Damão e Diu.

• O governo geral do Estado da Índia publicou um diploma fixando as gratificações por tarefas aos vogais de Comissões censuárias do concelho de Bardez, pelo serviço de demarcação dos prédios particulares quando auxilia em brigada cadastral respectiva.

• Foi fixado, também por um diploma oficial dimando do governo da Índia o preço de aquisição ao produtor do distrito de Goa do arroz nacional manifestado, em 9 rupias e 8 tangas por candil de 160 litros.

• O Governo Geral da Índia autorizou a Câmara Municipal das Ilhas a contraír um empréstimo de 120.000 rupias com a Caixa Económica Postal.

• Foi publicado um decreto, sob o n.º 26.006, que regula a distribuição dos serviços pelas direcções técnicas e centrais no Estado da Índia.

Compõem-se das seguintes repartições Direcção dos Serviços de Administração Civil; Direcção dos Serviços de Fazenda; Repartição Técnica dos Serviços de Obras Públicas e Agrimensura; Repartição Técnica Fiscal do Caminho de Ferro e Porto de Mormugão; Repartição Técnica dos Serviços de Agricultura e Colonização; Repartição Técnica dos Serviços de Saúde e Higiene; Repartição Central dos Serviços Aduaneiros.

A Direcção dos Serviços de Administração Civil fica dividida em três repartições, sendo a primeira dos serviços de administração civil, a segunda da instrução e a terceira da Imprensa Nacional. A Direcção dos Serviços de Fazenda será também dividida em repartições e estas em secções.

Anexos à Repartição Técnica dos Serviços de Saúde e Higiene, e esta directamente subordinados, funcionarão o Hospital Central de Nova Goa, a Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, o Instituto Bacteriológico, o Instituto de Análise Química e Toxicológica e o Instituto de Radiologia.

• O governo geral da Índia propôs a criação de uma Comissão de Fomento Agrícola e Industrial, bem como a organização do respectivo pessoal.

• Vão ser introduzidas várias modificações no Código de Usos e Costumes dos habitantes da Índia, não católicos.

• Foi nomeado presidente da Relação de Nova Goa, o juiz desembargador sr. dr. Campelo de Andrade.

Noticiámos, oportunamente, a constituição da Comissão de Fomento Agrícola e Industrial na Índia Portuguesa e os seus objectivos. Informamos hoje a constituição da delegação da referida comissão no distrito de Damão: Presidente, dr. Castelino Francisco Fernandes; Vogais: Eduardo de Sousa Brito, Erasmo Vitorino José de Sousa, Hilário Francisco Pereira da Gama, Lalá Parsotomo.

• Foi permitido aos particulares o estabelecimento de carreiras com embarcações de propulsão mecânica entre Chaporá e Salem, com estações intermediárias: Morgim, Siolim, Camorlim, Arabó, Colvale, Revorá, Dargalim e Ozorim, para transporte de passageiros e suas bagagens.

• Foi anunciada a troca, durante 180 dias, na Caixa do Tesouro em Nova Goa e nas Recebedorias de Fazenda dos concelhos desta colónia, das cédulas de quatro tangas, que vão ser retiradas da circulação.

• Vai ser nomeado director do Instituto Radiológico da Índia o sr. dr. Veiga Pinto.

• Foi declarada sem efeito, a portaria de 27 de Agosto do ano corrente, pela qual fôra nomeado para o lugar de delegado do Procurador da República na comarca de Damão, o licenciado Arménio Martins Rodrigues.

• O governador geral da Índia, vai contraír um empréstimo pela Caixa Económica Postal, da quantia de 500 000 rupias, ao juro anual de 4% pago em 25 prestações anuais, destinadas à conservação de aproveitamento e restauração dos Monumentos nacionais.

• A Comissão de Fomento Agrícola e Industrial da Índia Portuguesa, cujos estatutos foram agora publicados, constituem um organismo autónomo central, directamente subordinado ao Governo Central, com uma delegação no distrito de Damão, tem a sua sede em Nova Goa. É composta por vogais natos e escolhidos pelo Governador Geral. São vogais natos o Presidente da Comissão e um engenheiro-agronomo; que o substitue nos seus impedimentos; e vogais amovíveis os representantes das Comunidades agrícolas de Goa, da Associação dos Proprietários e Agricultores, da Associação Comercial, das Indústrias, fábricas e instalações fabris; e de quaisquer entidades singulares e colectivas que o Governo entenda dever nomear para fazer parte da C. F. A. I.

Nos regulamentos são indicadas como atribuições: presidir e orientar a execução de diplomas de regulamentos, relativos ao comércio de importação e exportação; elaboração de estudos e propostas que tenha de apresentar ao Governo; da defesa que lhe compete, de interesses económicos, da agricultura, indústrias e comércio local da venda de géneros de maior consumo, apreciação de todas as questões e assuntos, submetidos à sua resolução em sessão plenária, reunindo-se a Comissão, obrigatoriamente uma vez em cada mês.

O valor da rúpia regula por Esc. 8\$20 (venda) e 8\$30 (compra) cotação do mês passado.

• Pelo Juiz do Julgado Municipal de Ponda foi proferido despacho da pronúncia indicando como autores do crime de homicídio do rei de Sundem, Parvoti Amangí rainha-mã. Ramachondra Rajendra Vodia, e Domingos Colaço e como cúmplice do mesmo crime, Loximona Gondu Naique, tendo sido posto em liberdade uma mulher nativa de nome Kamladevi, que também se encontrava presa, por nada se ter provado contra ela.

• A exemplo do que se verificou em Angola, o sr. governador geral do Estado da Índia oficializou e tornou obrigatório o inter-câmbio epistolar escolar, em todas as escolas oficiais e particulares, daquele Estado. As escolas primárias devem enviar, pelo menos duas cartas, e as se-



cundárias, seis por trimestre. Como se sabe esta iniciativa deve-se à Sociedade de Geografia de Lisboa.

❖ O Governo Geral da Índia louvou o tenente Francisco Carlos Duarte, por ter manifestado "enorme zelo, manifesta sagacidade e inexcidível actividade na descoberta dos autores do assassinato do Rei de Sudem, que prendeu dentro de pouco tempo depois de cometido o crime.. Nesta secção demos já noticia dos im. licados neste caso, que despertou grande emoção na Índia Portuguesa.

❖ O governo da Índia propôs a promoção do engenheiro, sr. Bernardino da Costa, chefe dos serviços de agrimensura daquela colónia.

❖ O Governo Geral da Índia, atendendo ao pedido feito pela comissão executiva da comemoração do 1.º centenário de nascimento do bravo capitão-mór Manuel António de Sousa, determinou que a escola do ensino primário oficial do sexo masculino de Mapuçá, seja denominada "Escola Manuel António de Sousa..

❖ Foi exonerado o vice-presidente da comissão municipal de Mormugão; e nomeado vogal da mesma comissão o tenente sr. Lino Cordeiro de Figueiredo.

## Macau

Foi exonerado de governador da colónia de Macau, o tenente-coronel de artilharia, com o curso do estado maior, António José Bernardes de Miranda.

❖ Em fins do corrente mês deve ser inaugurada em Macau, a carreira de aviões, da Companhia Pan-Americana Airways. O governo daquela colónia pediu autorização para sobrecarregar com a palavra "Avião,, 130.000 sélos de dois avos, 150.000 de três avos, 300.000 de sete avos, 300.000 de oito avos, 100.000 de quinze avos, e 300.000 de seis avos com a sobretaxa de cinco e a sobrecarga "Avião,,.

❖ O governo de Macau propôs a permuta directa do tráfego particular entre as estações rádio-telegráficas da metrópole e Macau, visto tais comunicações trazerem uma apreciável receita para o Estado.

❖ O governo de Macau proibiu a exportação da prata chinesa para fora da colónia, mas, segundo consta, a-pesar-da constante vigilância, essa exportação faz-se clandestinamente.

Conforme dissemos, o referido governo nomeou uma comissão para estudar a adopção de medidas restrictivas da circulação do papel sem título legal e da emissão de moeda metálica privativa da colónia.

A comissão é composta do director da fazenda, do gerente da filial do Banco Ultramarino, pelo sr. Nolasco da Silva, do presidente da Associação Comercial Chinesa e do director dos serviços económicos.

❖ Foi reconduzido por dois anos no cargo de director dos serviços das obras públicas da colónia de Macau, para o qual foi nomeado, em comissão, por portaria d 11 de Agosto de 1933, o major de engenharia, António Joaquim Ferreira da Silva.

❖ Pelo governo de Macau, foi organizada uma brigada sanitária chefiada pelo sr. dr. Santos Simões, que está procedendo ao saneamento sanitário daquela cidade, aterrando os pântanos e esgotando o lago de Monghá.

❖ Como medida económica, foi extinta a Banda Municipal de Macau, que tinha por chefe o alferes músico Eusébio Placé.

❖ Uma nota do correio informa que devido a um acidente as correspondências registadas e ordinárias incluídas na mala expedida de Macau, pela via aérea, entre

Singapura e Amsterdam em 4 de Julho, foram destruídas pelo fogo.

O equivalente do franco ouro, para a percepção das taxas telegráficas na colónia de Macau foi fixado, a partir de 1 do mês corrente, até determinação em contrário, em 1 pataca.

❖ Foi determinado que o director dos serviços de Fazenda e contabilidade da colónia de Macau, Fernando Castanha Dias Costa, seja desligado do serviço, com 50 por cento do vencimento que estiver recebendo na metrópole, nos termos do artigo 344.º da Reforma Administrativa Ultramarina, aprovada pelo decreto n.º 23.299, de 15 de Novembro de 1933.

O "Diário do Governo,, publicou vários acórdãos sobre matéria disciplinar e um anulando e declarando sem efeito o recurso interposto para o Tribunal Administrativo de Macau, pela Companhia das Aguas desta Colónia, acêrca de um contrato de arrendamento da exploração dos serviços de produção e fornecimento de energia eléctrica nas ilhas.

❖ O sr. Ministro das Colónias, aprovou a proposta do governo de Macau sobre a fixação das taxas telegráficas, e sobre a equivalência do franco ouro relativamente a essas taxas, conforme há dias noticiámos.

❖ Segundo telegrama de Macau, o governo daquela colónia nomeou uma comissão para estudar a adopção de circulação do papel moeda sem título legal.

❖ Vai ser publicado um decreto, que manda inscrever no orçamento de Macau, a quantia de 10.000 patacas, para a construção do "Colégio Santa Rosa de Lima,, destinado a raparigas.

❖ Vai ser construído um edifício destinado a uma escola para ambos os sexos em Macau, a qual substitue a antiga casa denominada de dezasseis colunas.

## Timor

No salão nobre da Câmara Municipal de Dili, realizou-se, por iniciativa das associações comerciais de Timor um banquete solenizando a data do 1.º de Dezembro e o décimo ano da Revolução Nacional, tendo sido pronunciados patrióticos discursos.

❖ Foram entregues, nas estações superiores, requerimentos de várias pessoas, a pedirem concessões de jazigos manganês, em Timor.

❖ O governo de Timor comunicou que se está procedendo com urgência à montagem de uma estação rádio-telegráfica, que passará a comunicar directamente com o pósto de Monsanto, devendo ser inaugurada brevemente.

❖ Vai exercer as funções de chefe de serviços de Marinha em Timor, o sr. primeiro tenente Alberto de Campos.

❖ O governador de Timor foi o dia 27 do corrente à circunscrição de Liquiçá, inaugurar o pau de fleira do novo hospital ali em construção, bem como a luz eléctrica e a ponto sobre o rio Ganlaralva, que tem 108 metros de comprimento e é construída em cimento armado.

❖ O governador desta colónia informou o Ministério das Colónias que está em estudo uma nova organização militar de Timor.

❖ O governo de Timor enviou ao Ministério das Colónias alguns projectos de diplomas referentes a reorganização de serviços, afim de serem apreciados e aprovados pelo Governo central, projectos que foram discutidos e aprovados na reunião do conselho do governo e na dos administradores do conselho e de circunscrição.



## Livros e Publicações

«A preparação militar de Moçambique»  
«Para além da Convenção»  
«O problema económico de Moçambique»

pele tenente Demony

Pode-se discordar de quanto diz o sr. tenente Demony nos folhetos que sucessivamente temos recebido, podem discutir-se as suas observações e negar-se as suas conclusões. Por nossa parte estamos de acôrdo, duma forma geral.

O que porém é indiscutível é que estamos em presença dum homem que estuda—avis-rara no nosso tempo, infelizmente—e que sabe expor e conduzir as observações do seu estudo.

Mais que o valor das suas doutrinas e dos seus pontos de vista impressiona-nos o autor. Numa época em que os valores escasseiam e os homens novos, ou se debatem em aflições pessoais, ou improvisam manifestações de falso valor, ou ainda preferem a intriga como processo de chegar—o sr. tenente Demony, pelo que nos foi dado ler é seguramente uma figura a destacar.

Propositadamente não queremos fazer uma crítica do seu trabalho que, duma maneira geral nos agradou. Preferimos chamar a atenção para êle.

No próximo número transcreveremos alguns dos capítulos deste último folheto “O problema económico de Moçambique”, certamente o mais equilibrado e interessante dos três que recebemos.



Recebemos e agradecemos:

*O Anuário de Estatística Comercial*, da Repartição Central de Estatística Geral da Colónia de Angola, referente a 1933.

*Comemoração do IX Aniversário do 28 de Maio na cidade da Beira.*

*Anuário Estatístico do Comércio e Navegação da Colónia de Moçambique*, referido a 1934.

*Boletim da Societé Belga d'Études et d'Expansion.*

*Il Commercio Italo-Africano*, N.º 11, Ano V.

*L'Azione Coloniale.*

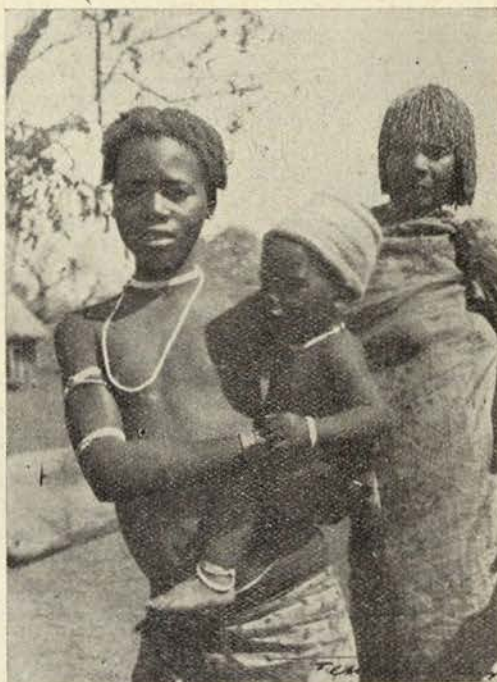
*La Tradotta Coloniale.*

*L'Essor Colonial et Maritime.*

*O Império Português.*

*Boletim Mensal da Direcção Geral de Estatística.*

## MOÇAMBIQUE



Uma indígena com o filho

## “PORTUGAL COLONIAL”

TEM DEVIDAMENTE MONTADOS NA SUA ADMINISTRAÇÃO, SERVIÇOS DE PROCURADORIA E AGÊNCIA AO DISPOR DOS SEUS LEITORES, ANUNCIANTES E ASSINANTES.

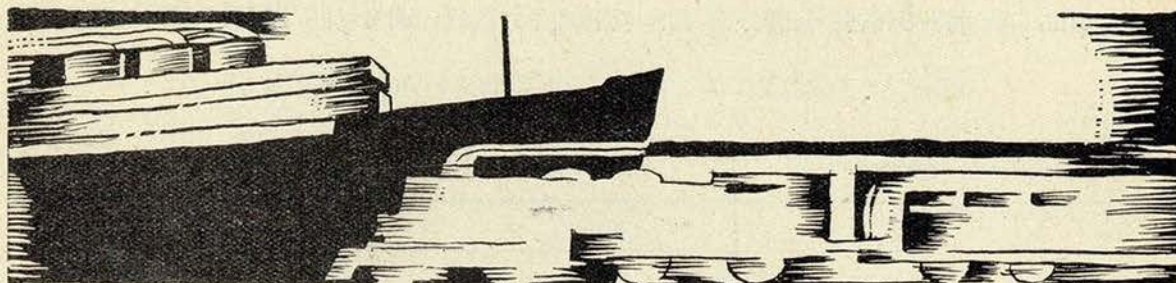
OS SERVIÇOS DE PROCURADORIA ENCARREGAM-SE DE TODAS AS COMISSÕES QUE OS LEITORES DA REVISTA RESIDENTES NA PROVÍNCIA OU NAS COLÓNIAS LHES QUEIRAM CONFIAR.

## CONSULTÓRIO DE ASSUNTOS COLONIAIS

RECEBEM-SE DESDE JÁ CONSULTAS DOS SRS. LEITORES, ASSINANTES E ANUNCIANTES

PORTUGAL COLONIAL





# ESTATÍSTICA

## Índices-Números das cotações dos géneros coloniais

DESIGNAÇÃO	1931	1932	1933	1934		1935					
	Índice-médio	Índice-médio	Índice-médio	Índice-médio	Setemb.	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setem.º
LISBOA (cidade).....	1.302	1.636	1.304	1.303	1.431	1.323	1.261	1.342	1.209	1.312	1.292

Do Boletim Mensal da Direcção Geral de Estatística.

## Cotações dos géneros coloniais (Praça de Lisboa)

Géneros	Unidade	Cotações em (a)	
		1929 15 de Janeiro	1935 15 de Setembro
Cacau fino.....	15 quilogr.	77\$00	36\$00
Cacau paiol.....	»	62\$00	—
Cacau escolha.....	»	36\$00	18\$00
Café de S. Tomé, fino.....	»	(b) 210\$00	127\$00
Café de Novo Redondo.....	»	124\$00	45\$00
Café de Ambriz.....	»	123\$00	40\$00
Café de Encoje.....	»	116\$00	40\$00
Café do Cazengo (de 2. <sup>a</sup> ).....	»	120\$00	40\$00
Coconote.....	»	33\$00	14\$00
Copra.....	»	42\$00	17\$00
Óleo de palma, mole.....	»	45\$00	(d) 30\$00
Rícino.....	»	27\$00	15\$00
Gergelim.....	»	34\$00	18\$00
Algodão.....	Quilog.	10\$00	—
Cera.....	»	16\$00	9\$50
Cola.....	»	6\$00	(e) —
Açúcar, rama.....	»	(c) 1\$70	(e) —
Milho.....	»	\$94	—
Coiros.....	»	15\$00	5\$00

(a) As cotações apresentadas representam a média nas datas indicadas ou na data mais próxima — (b) Cotação em 1 de Agosto de 1928 — (c) Cotação em 21 de Setembro de 1928 — (d) Em tambores — (e) Não foi negociado.



## Situação dos Bancos Coloniais com sede em Lisboa, em 31 de Agosto de 1935

(Valores em escudos)

BANCOS	ACTIVO				PASSIVO	
	CAIXA		Letras descontadas sobre o País e transferências	Letras a receber	Depósitos à ordem	Depósitos a prazo
	Dinheiro em cofre	Depósitos noutros bancos				
Banco de Angola (Sede) . . . .	532.419	1.619.681	—	—	6.688.269	2.265.246
Banco N. Ultramarino (Sede)	11.529.015	3.690.993	189.551.924	105.959.455	156.578.015	130.411.472

Do Boletim Mensal da Direcção Geral de Estatística.

## Reexportação e trânsito de mercadorias das Colónias portuguesas por Lisboa em Janeiro-Setembro de 1935

MERCADORIAS	QUANTIDADES EM QUILOGRAMAS		VALOR EM ESCUDOS	
	1935	1935	1935	1935
	Setembro	Janeiro a Setembro	Setembro	Janeiro a Setembro
<b>Reexportação :</b>				
Cacau . . . . .	544.284	5.631.132	1.259.792\$00	13.447.312\$00
Café . . . . .	132.463	1.993.270	378.278\$00	6.184.506\$00
Cera . . . . .	39.240	482.210	397.946\$00	4.504.795\$00
Outras mercadorias . . . . .	956.992	7.038.893	1.490.071\$00	6.550.188\$00
<b>Total . . . . .</b>	<b>1.672.979</b>	<b>15.145.505</b>	<b>3.526.087\$00</b>	<b>30.686.801\$00</b>
<b>Trânsito internacional :</b>				
Cacau . . . . .	—	16.650	—	40.000\$00
Café . . . . .	—	1.716.644	—	6.039.720\$00
Cera . . . . .	41.336	135.371	414.700\$00	1.294.100\$00
Óleos de palma e côco . . . . .	—	331.076	—	324.400\$00
Ursela . . . . .	—	20.484	—	19.000\$00
Outras mercadorias . . . . .	388.182	6.851.351	513.770\$00	5.798.561\$00
<b>Total . . . . .</b>	<b>429.518</b>	<b>90.715.76</b>	<b>928.470\$00</b>	<b>13.515.781\$00</b>

Do Boletim Mensal da Direcção Geral da Estatística.



## Quantidades em quilogramas de algumas mercadorias importadas e exportadas de e para as Colónias portuguesas de: Janeiro a Setembro de 1935

MERCADORIAS	Angola	Cabo Verde	Guiné	Moçambique	S. Tomé e Príncipe	India, Macau e Timor
<b>Importadas das Colónias:</b>						
Arroz.....	830.988	—	4.630.164	—	—	—
Açúcar.....	19.355.865	—	—	26.970.517	—	—
Café.....	3.137.516	39.450	—	655	204.696	56.379
Trigo em grão.....	—	—	—	—	—	—
Peles em bruto.....	511.269	—	79.928	100.632	—	—
Algodão em caroço, rama ou cardado.....	580.231	—	—	1.067.017	—	—
Sementes oleaginosas.....	4.188.032	885.419	14.359.397	383.619	3.747.200	—
Milho.....	—	—	—	—	—	—
<b>Exportadas para as Colónias:</b>						
Vinhos do Pôrto (decalitros).....	4.681	200	980	10.434	315	2.217
» da Madeira (decalitros).....	—	—	—	—	—	—
» comuns tintos (decalitros).....	428.528	14.474	44.449	334.123	33.282	20.146
» » brancos (decalitros).....	105.210	3.399	9.485	283.631	4.097	1.259
» licorosos (decalitros).....	4.330	720	126	878	—	10.555
Conservas de vegetais..... quilo	95.959	2.494	15.899	134.794	7.327	13.181
Sardinhas em salmoura.....	2.237	—	—	—	173	—
Conservas de sardinha.....	28.960	776	7.367	123.101	4.433	4.564
Conservas de peixe não especificado.....	10.762	—	—	19.235	—	—
Cortiça em rolhas.....	489	94	—	981	7	—

Do Boletim da D. G. E.

### Acções de Companhias Coloniais

1935		Vencimento de juros ou dividendo	Último juro ou dividendo pago		VALORES	OFERTAS			
Máximo	Mínimo		Data	Quantia		30 de Junho		15 de Julho	
						C.	V.	C.	V.
123\$00	83\$00	11-6-1935	1934	L. 5\$00	Agrícola das Neves.....	94\$00	—	90\$00	97\$00
104\$00	80\$00	1-4-1935	1934	L. 4\$00	Agricultura Colonial (Soc.).....	83\$00	86\$00	83\$00	—
530\$00	375\$00	12-3-1935	1934	L. 20\$00	Açúcar de Angola.....	504\$50	505\$00	502\$00	505\$00
55\$00	32\$00	15-7-1929	1928	£ 0-3-2 2/5	Boror.....	30\$00	—	—	—
21\$00	11\$00	—	1927	—	Cabinda.....	11\$00	13\$00	13\$00	—
49\$50	33\$00	11-7-1929	1928	£ 0-0-0,6	Buzi—de 1 a 150.000 1.ª Em. ...	33\$50	34\$50	33\$50	34\$00
46\$00	34\$00	11-7-1929	—	£ 0-0-0,6	Buzi—de 150.001 a 300.000 2.ª Em.	31\$00	—	—	—
20\$00	13\$00	1-4-1929	1927	L. 10\$00	Colonial de Navegação.....	15\$00	22\$00	10\$00	—
190\$00	131\$00	22-4-1935	1934	L. 9\$00	Ilha do Príncipe.....	155\$00	160\$00	155\$00	157\$00
12\$00	9\$60	2-6-1930	1928-29	L. \$99	Zambézia—t. 25.....	9\$40	10\$50	9\$40	9\$90





# “O MUNDO PORTUGUÊS”

EDIÇÃO DA AGÊNCIA  
GERAL DAS COLÓNIAS  
E DO SECRETARIADO  
DA PROPAGANDA NA-  
CIONAL

GRANDE REVISTA  
DE ARTE E LITERA-  
TURA COLONIAIS

TODOS DEVEM  
LER

“O MUNDO PORTUGUÊS”

DIRECTOR:  
AUGUSTO CUNHA

TELEFONES { 2 0651  
                  { 2 0652

REDACÇÃO:  
RUA DA PRATA, 34  
LISBOA



# UNIÃO INDUSTRIAL, LIMITADA

Administração em Lisboa — Rua dos Sapateiros, 62, 2.º

Caixa postal n.º 409

Filiais em LUANDA e MALANGE: Caixa postal n.º 409

## IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Telegramas: LISDOURO  
Telefone: 2 5435

Códigos: RIBEIRO, MASCOTTE  
e A. B. C. 5.ª ed.

FÁBRICAS DE CONSERVAS DE SARDINHA EM PORTIMÃO, OLHÃO, SETUBAL E LISBOA

FÁBRICAS DE CONSERVAS DE CARNES EM ABRANTES E LISBOA

FÁBRICAS DE CONSERVAS DE LEGUMES, MASSAS DE TOMATE E FRUTAS EM DOCE  
E EM CALDA EM LISBOA

FÁBRICAS DE AZEITE E SABÃO EM ABRANTES

### PROPRIETÁRIA DAS SEGUINTEs MARCAS

*Sardinha: GREATNESS, LISDOURO, ROSES DE SETUBAL, ROSES D'ALGARVE, ROSE ANGE-  
LIQUE, ROSA ANGELICA, MARIA LISETTE e SAINT PIERRE*

*Carapau: BEKA*

*Alum em Azeite: LISETTE*

*Azeite Extra-Fino: CAMPINO*

Co-Proprietária das fábricas de conserva PAVILHÃO

RECEBE CONSIGNAÇÕES DE CAFÉ, OLEO DE PALMA, ALGODÃO, MILHO, COCONOTE, AMENDOIM, CACAU  
E TODOS OS PRODUTOS COLONIAIS

---

# PORTUGAL COLONIAL

## REVISTA DE PROPAGANDA E EXPANSÃO COLONIAL

Director—HENRIQUE GALVÃO

**Assuntos económicos — comerciais  
agrícolas — industriais e financeiros.  
Informações de todo o mundo colonial**

**AGENTES EM TODAS AS CIDADES ULTRAMA-  
RINAS, MADEIRA, AÇORES, BRASIL, ETC.**

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

*Metrópole e Ilhas Adjacentes:*

Avulso .....	3\$00
Semestre .....	18\$00
Ano .....	36\$00

*Colónias Portuguesas e Brasil:*

Avulso .....	4\$50
Semestre .....	25\$00
Ano .....	50\$00

ESTRANGEIRO (Ano)..... 60\$00



# FÁBRICA DAS ANTAS

S. A. R. L.

FUNDADA EM 1895

Rua da Vigorosa, 654—PORTO-PORTUGAL

TELEFONE 972

AS MAIORES INSTALAÇÕES DO PAÍS PARA O FABRICO  
DE ARAME FARPADO E REDE DE ARAME PARA VEDAÇÕES

Malhas de Ferro para cimento armado e estuques.—Pregaria de arame, polida  
ou zincada, para construções.—Pregaria, cravinhos e cardas  
para calçado e outros usos.—Parafusos com rosca para madeira, em ferro e latão

OS SEUS PRODUTOS IMPÕEM-SE PELO  
SEU ESMERADO FABRICO E EMBALAGEM

DEPOSITOS no Norte do País: AVEIRO, BRAGA, BRAGANÇA, CHAVES, COIMBRA, FIGUEIRA DA  
FOZ, GUIMARÃES, OLIVEIRA DE AZEMEIS, OVAR E VISEU

Agências nas ilhas adjacentes e colónias portuguesas:

<b>BEIRA</b>	<b>ANGOLA</b>	<b>CABO VERDE</b>	<b>MADEIRA</b>	<b>AÇORES</b>
C. MOÇAMBIQUE	Raul Lelo	Abilio A. Martins	Leonel G. Luiz, L. <sup>da</sup>	R. Viriato M. Pereira
Afonso H. d'Almeida	Caixa Postal 147	Caixa Postal 35	R. Queimada do Baixo, 24	R. Marquês da Praia, 12
Caixa Postal 244	Telefone 157	S. VICENTE—CABO VERDE	Caixa Postal 79	PONTA DELGADA
	<b>LUANDA</b>		<b>FUNCHAL—MADEIRA</b>	<b>S. MIGUEL—AÇORES</b>

## MANOEL CAROÇA

69, Rua do Comércio, 71

Enderêço Telegráfico

GRANZIO

LISBOA

Corretor da Bôlsa  
de Mercadorias de  
Lisboa



**COURACA**  
SÃO PERFUMES PORTUGUESES